

Jorge Leite Jr

A CULTURA S&M

Orientadora: Professora Doutora Maria Celeste Mira

PUC – SP

2000

Jorge Leite Jr

A CULTURA S&M

Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais

Orientadora: Professora Doutora Maria Celeste Mira

PUC – SP

2000

ÍNDICE

I – INTRODUÇÃO	4
II – O CONCEITO DE SADOMASOQUISMO	9
III – A CULTURA S&M	15
IV – CONCLUSÃO	44
BIBLIOGRAFIA	48

I

INTRODUÇÃO

Desde as origens do Homem, a sexualidade “desviante” sempre conviveu lado a lado com a “normal” ¹, e somente no século XIX as formas “alternativas” de vivenciar o prazer sexual passaram a ser efetivamente pensadas como “doenças” (do corpo ou da psique). Surgiu então o vasto e sempre mutável campo das “perversões”, inaugurando-se assim a figura do “perverso”. Mas a medicina e a psicologia, ao assessorarem o campo jurídico na tentativa de separação entre “louco” e “criminoso” ² e delimitarem o “saudável” e o “perigoso” no campo dos prazeres, colocaram juntos na mesma categoria o assassino real e o torturador imaginário, “de brincadeira”. Ao estudar os casos e as causas de estupros, violações, traumas e mortes relacionados ao sexo, patologizaram a ambos igualando estes fenômenos com relacionamentos muitas vezes “violentos” mas consentidos por ambas as partes.

Desta maneira, o termo “sadomasoquismo”, forjado no início do século XX com a união dos termos - originariamente psiquiátricos - “sadismo” e “masoquismo”, hoje abrange um enorme espectro de significados e, consequentemente, uma grande confusão sobre o que exatamente esta palavra significa em cada contexto.

“Sadomasoquismo” atualmente é um termo utilizado desde o universo das ciências da psique para designar um certo tipo de “perversão sexual” até uma “cultura” própria encontrada em certos grupos sociais, ligada a um “estilo de vida” e a uma “estética” específica. Vejamos: na psiquiatria: *“Na perversão sadomasoquista, o ponto fundamental para a gratificação sexual é a dor. O sádico é*

¹ Nos estudos sobre erotismo e sexualidade dentro da arqueologia e da antropologia, podem ser encontrados vários exemplos.

² Este é o momento em que “*o crime se interioriza, perde seu sentido de absoluto, sua densidade real, para ocupar um lugar no ponto onde convergem público e privado, opinião e psicologia*”. MORAES, Eliane Robert, Sade - *A Felicidade Libertina*, op. cit. pág. 128

*quem inflinge a dor no objeto sexual; o masoquista aceita-a passivamente*³; na psicologia: “*Tendência simultânea para o sadismo e o masoquismo (...) comumente considerado perversão*⁴; na psicanálise: “*Expressão que não apenas sublinha o que pode haver de simétrico e de complementar nas duas perversões sádica e masoquistas, como designa um par antitético fundamental*⁵; na moda: “*As garotas finas da Bottega Vaneta insinuam queda por sadomasoquismo*⁶; na “cultura S&M”: “*Para adeptos ativos do D&S, sadomasoquismo é uma reflexiva e controlada expressão da sexualidade adulta que promete uma intimidade intensa e compartilhada*⁷.

Conforme veremos no Capítulo II, existe uma diferença marcante e precisa entre o sujeito “sadomasoquista” estudado pelas ciências da psique e o adepto da cultura S&M, embora nos meios de comunicação e no imaginário da cultura de massas eles se confundam, muitas vezes, propositalmente.

Uma das características destes grupos, conforme veremos, é justamente a associação sob o lema “*seguro, sadio e consensual*”. Desta forma, já excluo de antemão uma análise de comportamentos “não consensuais”, pois estes estão idealmente fora de tais associações de indivíduos – o que não quer dizer que não ocorram – e pertencem à outra categoria de “sadomasoquistas”. “*Alguns sadomasoquistas cometem ataques criminosos? Sem dúvida. Alguns também são cristãos devotos. Sadomasoquistas são presas das mesmas falhas que as pessoas comuns porque eles são pessoas comuns*⁸.

Claro que atos sexuais envolvendo dor e humilhação podem ser considerados universais, e tais práticas não necessitam de grupos, clubes ou estilos de vida para serem realizadas. Muitas pessoas têm em seus relacionamentos vários aspectos que podem ser considerados “sadomasoquistas”, tanto no sentido psíquico do termo quanto no referente a atitudes e conceitos referentes a uma “cultura” específica. Mas algumas destas, que admiram e

³ MIELNIK, Isaac, *Dicionário de Termos Psiquiátricos*, São Paulo, Roca, 1987, pág. 241

⁴ ÁLVARO, Cabral, EVA, Nick, *Dicionário Técnico de Psicologia*, São Paulo, Cultrix, 1974, pág. 352

⁵ LAPLANCHE, Jean, PONTALIS, Jean-Baptiste, *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes, 1983, pág. 606

⁶ Jornal *O Estado de São Paulo*, Caderno 2, 11 de maio de 2000

⁷ BRAME, Gloria G., BRAME, William D., JACOBS, Jon, *Different Loving*, New York, Villard, 1993, pág. 5

praticam formas “não usuais” de sexo, reúnem-se em comunidades próprias para juntas desenvolverem este aspecto de suas vidas como uma “maneira de ser”.

Estes grupos organizados, com suas práticas e conceitos, são o que chamo neste trabalho de “cultura S&M”. Deles falarei no capítulo III.

Dentro de tais “organizações”, podem ser encontrados tanto adeptos “profissionais” quanto os “não profissionais”. Os primeiros são aqueles que encaram o sadomasoquismo como uma profissão e, em troca de pagamento, vivem um relacionamento S&M com o “cliente”, com hora marcada, preço e lugares certos. Para isto, não existe a necessidade de o profissional ser necessariamente um adepto ou seguir um estilo de vida característico.

Este “profissionalismo” aparece tanto como uma opção a mais no campo do mercado sexual, quanto uma maneira de unir o útil (dinheiro) ao agradável (estilo de vida). Ou seja, a prática sadomasoquista profissional pode ser apenas a especialização de um ramo da prostituição, ou uma maneira de conquistar ganhos econômicos através de um modo de vida próprio. Normalmente, esta profissionalização está nas mãos das figuras denominadas “sádicas”. São os “sádicos” que oferecem seus serviços ao “masoquistas”, raramente existindo o contrário⁹.

Sobre o S&M como um instrumento para novas fantasias no universo da prostituição, não tratarei aqui. Quanto aos adeptos “profissionais”, falarei brevemente também no capítulo III. O foco deste trabalho são os grupos de adeptos “não profissionais”.

No IV, apresento uma conclusão sobre este estudo.

Como em qualquer grupo social mais “fechado”, muitos problemas apresentaram-se para a realização deste estudo. Em primeiro lugar, a dificuldade de, até há mais ou menos dois anos atrás, contatar tais grupos. O segundo é a aversão destes para com pesquisadores, estudiosos e repórteres. Um dos sites de adeptos do S&M diz claramente: “se você é um curioso ou está atrás de objetos

⁸ BRAME, Gloria G., BRAME, William D., JACOBS, Jon, *Different Loving*, op. cit., pág. 4

⁹ Durante toda a pesquisa, não encontrei nenhuma vez propagandas de “profissionais masoquistas” oferecendo sua “servidão” ou “escravidão” a algum “sádico” de plantão que se dispusesse a pagar para tal.

de pesquisa para estudar, VÁ EMBORA, aqui não é o seu lugar!”. Toda esta hostilidade é justificada, afinal, na quase totalidade dos estudos, pesquisas ou reportagens sobre o tema, estas pessoas são sempre mostradas no mínimo como algo “curioso” ou “exótico”, quando não considerados explicitamente “perigosos” ou “malignos”.

Além, claro, do fato de ninguém gostar de ser considerado “rato de laboratório”, onde um distante cientista observa e analisa as reações destes para seus interesses próprios. Alguns adeptos assumem não considerar as teorias psiquiátricas ou psicanalíticas, pois para estes, elas não passariam de uma tentativa de normalizar desejos e patologizar comportamentos.

Assim, este trabalho se propõe a ser uma etnografia dos caracteres gerais desta “cultura”, sem tentar descrever ou analisar nenhum grupo ou associação específicos.

Outra dificuldade encontrada é a não uniformidade de idéias e práticas neste meio. Dentro de cada grupo, as afinidades entre os adeptos são claras. Mas entre grupos, as diferenças são muitas vezes explícitas e até mesmo opostas. Por exemplo, existem aqueles em que o discurso sobre o S&M deve ser mantido dentro do mais alto nível intelectual, seriedade e, principalmente, limitado à mais fina educação. Já outros, desenvolvem o diálogo sobre tais práticas exclusivamente numa linguagem chula e repleta de humor. Existem os que aceitam somente gays em suas fileiras, outros somente heterossexuais, bissexuais ou apenas lésbicas.

A bibliografia sobre comportamentos psíquicos “perversos” - entre eles, o sadomasoquismo - do ponto de vista das ciências da psique, é monumental, mas este tipo de estudo não é o prisma deste trabalho. Já uma literatura mais sócio-antropológica sobre estas comunidades e sua “cultura” é quase inexistente¹⁰.

A partir da última década do século XX, têm surgido livros abrangendo este universo escritos *por* adeptos, *sobre* adeptos e *para* adeptos, em especial no mercado norte-americano. Muito da pesquisa feita para este trabalho utilizou-se

¹⁰ Uma exceção é o livro *Different Loving*, de BRAME, Gloria G., BRAME, William D. e JACOBS, Jon, o qual muito me utilizei neste trabalho.

destes escritos, além da maior fonte de referência existente sobre o tema: as revistas/ filmes “pornográficos” e principalmente, sites especializados da internet.

Não quero dizer com isso que o caráter comercial de muitos produtos é igual à filosofia e sensibilidade desta cultura, apenas que a linguagem iconográfica também é uma fonte de pesquisa. Afinal, “*A maior parte da pornografia lidando com “bondage” ou sadomasoquismo apresenta retratos severamente desumanizados que são tão relevantes para a atual prática do D&S como o mais baixo pornô é para o amor romântico*¹¹”.

Na internet, pode-se encontrar tanto elementos audiovisuais, quanto centenas de textos referentes ao tema. A grande maioria das vezes, escritos por adeptos. Assim, reflexões, teorias, conceitos, práticas e entrevistas dos membros destas comunidades podem ser encontradas no mundo virtual.

Este trabalho tem como fonte de pesquisa, além dos recursos citados acima, a convivência e a troca de idéias com adeptos do sadomasoquismo tanto “isolados” quanto pertencentes a grupos específicos.

Neste estudo, utilizarei os termos referentes aos papéis S&M, tais como “sádico” ou “submisso” sempre no masculino, pois as questões de gênero (existe uma diferença entre a “dominação” exercida por homens ou mulheres – ou bissexuais?) não são o foco deste trabalho. Assim, ao escrever “escravo” refiro-me apenas ao papel representado na relação, podendo este ser encarnado por qualquer pessoa, independente de sua constituição física ou orientação sexual.

¹¹ BRAME, Gloria G., BRAME, William D., JACOBS, Jon, *Different Loving*, op. cit., pág. 5

II

O CONCEITO DE SADOMASOQUISMO

No final do século XIX, o mais renomado psiquiatra da época, estudioso das então recém criadas “perversões” ou “perversidades” sexuais, o austríaco Richard Von Krafft-Ebing, lançou em seu colossal tratado *“Psychopathia Sexualis”* os termos “sadismo” e “masoquismo”. O primeiro designava o prazer em ferir ou humilhar o parceiro no ato sexual, e o segundo, o prazer em ser ferido ou humilhado, também durante o sexo.

Derivado do nome do Marquês de Sade, nobre francês do século XVIII, o termo “sadismo” foi criado para designar a “*associação entre a luxúria e a残酷*”¹².

Sade pode ser considerado o expoente máximo da linha filosófica conhecida como libertinismo. À crítica a Igreja e aos costumes, associou-se o desregramento sistemático das sensações corporais, em especial no campo da sexualidade. O autor de *“Os 120 Dias de Sodoma”* adicionou a残酷 aos prazeres dos excessos sexuais. Para este, o verdadeiro gozo só pode ser alcançado através da completa e detalhada destruição, tanto moral quanto física do parceiro – ou vítima, como é comumente chamada nestes escritos.

A ferocidade das paixões e dos apetites é unida a um agudo egoísmo intelectual. A violência, o estupro, a violação e principalmente, a não consensualidade são características de sua obra: “*Aqui encontrareis apenas egoísmo,残酷, devassidão e a impiedade mais arraigada*”¹³.

Seus livros foram proibidos e queimados, mas sua fama nos persegue até hoje. Para a austeridade socialmente valorizada na Europa do século XIX, onde a medicina em todas suas ramificações herdou a autoridade moral antes concentradas nos padres, o Marquês era a figura ideal para nomear não só uma

¹² KRAFFT-EBING, Richard Von, *Psychopathia Sexualis*”, Nova York, Arcade Publishing, 1998, pág. 20

¹³ SADE, D. A. F., *Justine – Os Sofrimentos da Virtude*, São Paulo, Círculo do Livro, sem data, pág. 106

“doença” do corpo, mas também um “vício” da alma. “A psicologia, neste sentido, é muito mais uma criatura sociológica”¹⁴.

O mesmo destino triste teve o também escritor e romancista austríaco Leopold Von Sacher-Masoch. Contemporâneo de Krafft-Ebing, sua novela mais famosa “A Vênus das Peles” entrou para a história como um clássico da literatura erótica ao mesmo tempo em que seu nome foi utilizado para designar a “perversão oposta” ao sadismo: “Essas perversões da vida sexual podem ser chamadas de masoquismo, pois o famoso romancista Sacher-Masoch, em vários romances e principalmente no seu célebre A Vênus das Peles, fez desse tipo especial de perversão o tema predileto de seus escritos”¹⁵.

Para a psiquiatria da época, apesar destas “perversões” já serem consideradas “opostas” e “complementares”, o sujeito era ou “sádico”, ou “masoquista”, sendo que em ambos os casos, deveria procurar ajuda médica especializada para “curá-lo” de tão “infeliz problema”: “Ele ficou tão agradecido com sua cura, que veio me agradecer pela valiosa ajuda que encontrou na leitura de meu livro, o qual mostrou-lhe o caminho certo para remediar seu defeito”¹⁶.

Com Freud e a psicanálise, o foco de atenção saiu dos comportamentos individuais e fixou-se nas pulsões humanas, divididas em “Pulsão de Morte” – tendência psíquica à desagregação, dissolução - e “Pulsão de Vida” – tendência psíquica à união, criação. Assim, “sadismo” e “masoquismo” foram identificados como duas faces da pulsão de morte: quando esta tendência à destruição une-se à libido e volta-se para um objeto externo, surge o sadismo. Quando esta permanece no sujeito, sem um alvo exterior, manifesta-se o masoquismo.

Surge desta maneira o conceito de “sadomasoquismo”, onde um pólo é a expressão oposta do outro e vice-versa: “O sádico é sempre e ao mesmo tempo um masoquista”¹⁷.

¹⁴ HENKIN, William A. in BRAME, Gloria G., BRAME, William D., JACOBS, Jon, *Different Loving*, op. cit., pág. 29

¹⁵ MICHEL, Bernard, *Sacher-Masoch (1836-1895)*, Rio de Janeiro, Rocco, 1992, pág. 7

¹⁶ KRAFFT-EBING, Richard Von, *Psychopathia Sexualis*”, op. cit., pág. 118

¹⁷ “As Aberrações Sexuais” in FREUD, Sigmund, *Obras Completas* em CD-Rom, Rio de Janeiro, Imago Editora

Mas nestes estudos, um fator raramente foi levado em conta: os parceiros estavam em pleno acordo quanto a tais práticas? Isto é fundamental: Krafft-Ebing, Freud e tantos outros muitas vezes não levaram em conta a hipótese “consentimento”, especialmente nos casos de “sadismo”, julgando-os quase a mesma coisa que um estupro. Mesmo o “masoquismo”, apesar de implicar um consentimento implícito, não foi entendido como um acordo para obtenção de prazer mútuo, e sim apenas como um tipo de tendência suicida.

Todas as ciências da psique que tratam destes temas, estão voltadas para os casos onde não há o consentimento da vítima e quando não existe “escolha” de comportamento por parte do agressor ou da pessoa com atitudes autodestrutivas. Os “sádicos” ou “masoquistas” da cultura S&M não são os mesmos estudados pela psicologia¹⁸. As diferenças são claras. Nunca se ouviu falar de um estuprador que violente suas vítimas com base no “seguro, sadio e consensual”. Embora muitos adeptos possuam realmente um passado com abuso sexual na infância, e usem o S&M justamente para exorcizar estes fantasmas¹⁹, integrantes do meio afirmam que estes casos representam apenas uma parcela desta população, e vários nunca sofreram qualquer problema deste tipo²⁰. O que existe é a tentativa de criar uma “outra” subjetividade, que não procura se legitimar - ou se justificar através das teorias “oficiais” sobre a psicologia humana. Como diz um editor da revista *Rubber News*, especializada em fetichismo de roupas e acessórios de borracha: “*Não importa o quanto possa ser verdadeiro... não interessa o quanto possa ser importante na sua cabeça, NÓS NÃO VAMOS PUBLICAR qualquer carta que rastreie o gosto pela borracha até o fazer xixi na cama da infância*”²¹.

Os crimes sexuais diferenciam-se das práticas destes grupos pela característica inscrita no próprio nome: são “crimes”, enquanto que no sadomasoquismo o respeito ao outro é considerado a essência da relação.

¹⁸ Ressaltando que a ciência, assim como a religião ou qualquer outra prática homogenizante, em matéria de sexo está sempre em descompasso e atrasada para com a vida cotidiana.

¹⁹ E com bons resultados segundo eles mesmos.

²⁰ Não posso confirmar se isto é fato ou não. Encontrei este tipo de afirmação em vários sites na internet mas todas sem “provas” mais consistentes.

²¹ STEELE, Valerie, *Fetiche - Moda, Sexo e Poder*, Rio de Janeiro, Rocco, 1997. pág. 158

Muitos doutores também afirmam serem estes comportamentos patológicos somente quando são a fonte única e exclusiva de excitação e desejo sexual do indivíduo. Ora, neste sentido seria possível então classificar como “transtorno sexual” todos aqueles que não possuem nenhum “desvio” erótico como fonte de excitação - se é que existem pessoas assim - tendo como único e exclusivo estímulo para o ato, a reprodução da espécie e até a negação do prazer²².

O “*Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM – IV*”, da Associação Psiquiátrica Americana, considera “sadismo” ou “masoquismo” como “transtorno mental” apenas quando: “*envolve atos reais (não simulados)*” e que causam “*sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo*”²³.

Partindo do princípio que os indivíduos pertencentes aos grupos de S&M estudados neste trabalho exercem suas práticas e fantasias em atos “simulados”, não possuem “sofrimento clinicamente significativo” derivado disto, nem sofrem de prejuízo “social ou ocupacional”, considero-os distintos dos tratados por tais ciências da psique.

Vê-se então que existe um sério problema quanto às terminologias usadas. As palavras “sadismo” e “masoquismo” são criações das ciências médicas e estas não abrem mão de seus inventos. Os adeptos as tomaram para si, tanto por imposição exterior como por desafio e para assumir uma diferença. E por estes termos remeterem diretamente à obras “libertinas e libertárias” e não a trabalhos “normalizantes e punitivos”, são ainda mantidos por esta cultura²⁴, embora com um sentido muito mais específico. O termo “sadomasoquismo” será assumido aqui em sua expressão mais “plena”, pois sendo um jogo, este é realmente o caso onde um sádico necessita de um masoquista e vice-versa.

²² Faz lembrar Shakespeare: “*Se fosseis tratar a todos de acordo com seu merecimento, quem escaparia ao chicote?*” - SHAKESPEARE, William, *Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, São Paulo, Abril Cultural, 1978, pág. 248

²³ ASSOCIAÇÃO Psiquiátrica Americana, *DSM-IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais – CD-Rom*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1995

²⁴ Que como veremos, prefere usar estes termos para focalizar cenas que envolvem dor física, possuindo outras palavras para diferentes focos, ou mesmo para as posturas gerais, como é o caso de “Top” e “Bottom”.

Mas estes adeptos são os mesmos libertinos de Sade ou os supra-sensuais de Masoch? No primeiro caso, novamente a resposta é não, essencialmente pelo mesmo motivo já exposto. Os devassos do Marquês buscavam o perigoso, o prejudicial e o não-consensual. O prazer deveria ser arrancado a lágrimas, agonia e desespero, tendo somente como limite a imaginação do torturador. As intenções são completamente diferentes, e a única justificativa em fazer o mal é o prazer causado pelo ato, e não uma questão de sentimentos compartilhados ou surtos psicóticos. Apesar destes atuais “sádicos” possuírem toda uma “filosofia” que os incentiva e distingue, esta não é voltada para o egoísmo e a destruição do outro, ou seja, não é a mesma pregada por personagens como “Juliette”. Os praticantes de S&M querem o respeito a todos enquanto que os libertinos procuram o crime e o assassinato, não procurando respeitar nada nem ninguém.

Existe um detalhe curioso: o mito de Sade como um precursor dos prazeres sadomasoquistas é nítido nestes grupos. Nas publicações voltadas para este meio, sejam revistas ou sites, muitas vezes o nome do Marquês e algumas citações suas aparecem nestes textos. As obras deste escritor quase sempre são lembradas unicamente por sua sexualidade variada, explícita e exagerada, nunca por seu sistema filosófico, pela maldade das personagens ou a não consensualidade característica, onde este elemento é tão definidor dos escritos sadianos quanto excludente da relação “sã, sadia e consensual”²⁵. Sade parece ainda condenado, tanto na cultura S&M, quanto em estudos sobre a chamada “pornografia” ou nas ciências da psique, a ser muito mais evocado como mito do que lido como texto.

Já no caso de Sacher-Masoch poderíamos dizer que ele foi um precursor - ou o “fundador” na literatura - da cultura S&M. Vários dos elementos encontrados em sua obra como a importância do clima na cena, a “educação” do sádico por parte do masoquista, o fetichismo, a suspensão física ou subjetiva, o “sexo sem sexo”, tudo isso é essencial para o universo sadomasoquista. Mas existe uma pequena diferença. Masoch via este erotismo e sexualidade como um refinamento do ser, conseguido apenas depois de ultrapassar os “pobres” limites da arte,

²⁵ Poucos adeptos parecem afirmar conhecer Sade e reconhecer esta diferença.

filosofia e experiência física, sendo esta última quase uma consequência das duas anteriores. No S&M, procura-se uma nova via para se vivenciar tudo isto. Não é exatamente o refinamento da cultura burguesa – cristã – ocidental que se busca, mas uma outra cultura em bases “distintas”.

Sade e Masoch possuem universos próprios que não se misturam. No novo campo de atitudes e prazeres conhecido como sadomasoquismo, este nome vem da união criada pela psicanálise, não das obras destes autores. A idéia de pares opostos e complementares foi assumida de prontidão, afinal nesta cultura S&M, um depende do outro para o jogo funcionar. Porque neste caso, isto é antes de tudo um “jogo”. As idéias do Marquês são completamente distintas, enquanto as do “Cavaleiro de Sacher-Masoch” são bastante próximas. Tempos diferentes, sensibilidades e idéias diferentes.

Apesar do mesmo nome, o “sadomasoquista” da cultura S&M não é o mesmo sujeito da psiquiatria, da psicanálise ou da psicologia. Um abismo de intenções, práticas e significados, separa-os. Como diz Anthony Giddens: “*O que costumava ser chamado de perversões são apenas expressões de como a sexualidade pode ser legitimamente revelada e a auto-identidade, definida*”²⁶.

²⁶ GIDDENS, Anthony, *A Transformação da Intimidade*, São Paulo, Editora da UNESP, 1992, pág.197

III

A CULTURA S&M

“Eu não penso que este movimento [a chamada cultura sado-masoquista] de práticas sexuais tenha nada a ver com a atualização ou a descoberta de tendências sado-masoquistas profundamente enterradas em nosso inconsciente. Penso que o s/m é muito mais do que isso. É a criação de novas possibilidades do prazer que não tínhamos imaginado antes.”²⁷

É difícil um histórico da cultura S&M, pois não existem muitos trabalhos sobre este tema, conforme já explicado na Introdução. Além disso, este universo não tem um limite fixo de origem, muito menos possui um caráter que permita a formatação de uma história linear. O que conhecemos hoje como S&M é muito mais a somatória de grupos e principalmente de pessoas que se identificam pelas preferências sexuais e atitudes perante o mundo. Mesmo assim, tentarei traçar um breve esboço do período considerado como a passagem deste modo de ser do “submundo” para a “cultura de massa”.

Paralelo ao processo de medicalização do desejo, existiu toda uma parcela de pessoas que continuaram com suas práticas pouco ortodoxas na busca da satisfação sensual, não se importando muito com concepções cada vez mais criativas sobre as “aberrações sexuais”. Apenas guardaram sigilo para não serem “tratadas” a força. Toda uma “cultura” foi sendo formada às margens das interpretações oficiais: *“Foi no início da Europa moderna que a pornografia pela primeira vez se tornou “um fim em si mesma”*²⁸. Enquanto Freud e seus discípulos

²⁷ Citação de Michel Foucault em COSTA, Jurandir Freire, *O Sujeito em Foucault: Estética da Existência ou Experimento Moral?* in: *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, Vol.7, Nº1-2, outubro de 1995, pág. 134

²⁸ STEELE, Valerie, *Fetiche - Moda, Sexo e Poder*, op. cit., pág. 29

discutiam a universalidade das pulsões sádicas e masoquistas, homens e mulheres praticavam rituais de dor e prazer em plena concordância entre si, não necessitando para isso de justificativas psicológicas ou químicas (e nem sociais).

No início do XX, já havia toda uma produção “artesanal” de produtos sexuais, de vibradores e fotografias de nus a roupas e livros próprios: “*Antes da produção comercial de artigos e da parafernália fetichistas, os indivíduos faziam seus próprios objetos de fetiche, da mesma forma que faziam sua própria pornografia. Na virada deste século, algumas pessoas tinham entrado no negócio de produzir e vender objetos de fetiche, especialmente como espartilhos e sapatos*”²⁹.

Em 1946, o fotógrafo John Willie lança nos EUA a revista “Bizarre”, abrangendo temas sobre dominação sexual e suas técnicas e moda fetichista, repleta de fotografias e desenhos³⁰. Outras revistas do estilo também surgiram, mas todas sempre consideradas “sujas” e vendidas quase que de forma escondida: “*Os produtores de artigos e parafernálias fetichistas enfrentaram, algumas vezes, sanções legais, da mesma forma que os pornográficos enfrentaram. (Muitas empresas inglesas que produziam roupas de couro e/ ou borracha foram processadas nos anos 60)*³¹”.

Segundo os autores de “Different Loving”, os primeiros grupos organizados de sadomasoquistas americanos foram os de militares gays que haviam voltado à vida civil após a Segunda Guerra. A partir dos anos 50, estes grupos foram se tornando conhecidos socialmente e originando as depois famosas “gangues” de motoqueiros: “*Para o homem gay de tendências sadomasoquistas, o militarismo ofereceu uma emoção adicional: poder e disciplina dentro de uma estrutura autoritária*”³².

Ainda nos 50, Betty Page foi uma das modelos americanas mais populares da época. Sua especialidade eram filmes de strip-tease e sadomasoquismo, onde

²⁹ STEELE, Valerie, *Fetiche - Moda, Sexo e Poder*, op. cit., pág. 59

³⁰ A coleção completa desta revista foi reeditada em 1995 pela editora Taschen, em edição luxuosa e extremamente cara, mostrando que o que há algumas décadas atrás era pornografia da mais grosseira, hoje é “arte erótica”.

³¹ STEELE, Valerie, *Fetiche - Moda, Sexo e Poder*, op. cit., pág. 60

³² BRAME, Gloria G., BRAME, William D., JACOBS, Jon, *Different Loving*, op. cit., pág. 30

aparecia amarrada ou recebendo “palmadas eróticas”. Suas fotos são referência do S&M até hoje.

Durante a década de 60, na esteira dos movimentos da contracultura e da “Revolução Sexual”, muitas das ainda famigeradas “perversões sexuais” vão voltar a discussão. E à moda: “*A primeira moda fetichista a alcançar aceitação popular foi a chamada bota bizarra, anteriormente associada a prostitutas, especialmente as dominadoras*³³”.

Mas é nos anos 70 que a cultura do sadomasoquismo vai começar a sair indiretamente dos esconderijos através de um dos movimentos mais radicais da contracultura: os punks. Surgidos na Inglaterra, estes jovens anunciam uma total falta de perspectivas para um mundo em constante ameaça de uma catástrofe nuclear pregando a destruição dos valores vigentes, através de uma atitude que fosse chocante e violenta. Toda agressividade ignorada - e combatida - pelos anos hippies viera à tona com os punks. A intenção era demonstrar uma força primal caótica que não podia - e não devia - mais ser reprimida. A atitude era extremista: hábitos, idéias, corpos e roupas foram alterados para causar má impressão e assustar. E muito do que foi usado das roupas e ornamentos nestes corpos veio desta cultura subterrânea conhecida como “S&M”.

Em 1974 a estilista Vivienne Westwood abria uma das primeiras boutiques sadomasoquistas, nos EUA.

Roupas de couro, peças de metal (como algemas, correntes), marcas e perfurações na pele, tatuagens, foram fruto de todo um diálogo entre o universo sadomasoquista, os punks e outros movimentos que questionavam a sociedade e buscavam novas formas de “morrer em paz”³⁴. Com a “indústria cultural” já funcionando a toda, o idealismo rebelde previamente domesticado e anestesiado, virou a “norma” da sociedade de consumo. A ordem é ser sempre jovem, esperto e conformadamente inconformado, com todas estas posturas podendo ser adquiridas em qualquer magazine ou supermercado, bastando para isso apenas comprar os produtos desta identificação: “*Até mesmo vitrines de lojas de*

³³ STEELE, Valerie, *Fetiche - Moda, Sexo e Poder*, op. cit., pág. 41

³⁴ Como os tatuadores, as “gangues” americanas de motoqueiros que também tinham nas roupas de couro uma de suas marcas, entre outras.

*departamentos apresentavam manequins que estavam com os olhos vendados, amarrados e que tinham recebido um tiro, e as revistas de moda enfatizavam a perversidade e a decadência*³⁵. O que antes possuía uma autêntica carga de contestação, agora estava ao alcance de qualquer um que se dispusesse a pagar por isso.

O mundo S&M viu nisso uma maneira de se legitimar perante outros grupos sociais e assim garantir direitos à suas formas de expressão como qualquer cidadão “normal”. Se de um lado houve uma banalização com consequente perda de sua essência, tornando-se desde referência para moda de alta-costura³⁶ até o signo sensual de uma sexualidade mais “crua”, por outro contribuiu para a aceitação desta mesma cultura na face visível da sociedade³⁷: “(...) o consumo de produtos específicos passa a fazer parte do projeto (...) de resgatar a auto-estima do grupo. A possibilidade de constituir uma identidade diferenciada passa pela recuperação da auto-estima, noção hoje importante de uma maneira geral, mas que se torna vital para os grupos historicamente discriminados”³⁸.

Os clubes sadomasoquistas começaram a surgir a partir dos anos 80, e ajudaram a “organizar” o universo S&M na cultura de massas e no imaginário social. Agora, estes adeptos perdem um pouco sua aura de mistério, pois já podem, ao menos, serem localizados no “espaço”.

A cultura S&M possui comportamentos, ritos, locais e códigos que identificam os “adeptos” ao mesmo tempo em que delimitam seu “corpus”. Mas mesmo entre os praticantes não há demarcações claras do que faz parte exclusiva do sadomasoquismo ou não. Para ser mais claro: existem várias “subdivisões” dentro deste conceito maior.

³⁵ STEELE, Valerie, *Fetiche - Moda, Sexo e Poder*, op. cit. pág. 45

³⁶ Muitas das criações de moda de Gianni Versace e Jean-Paul Gaultier entre outros são declaradamente inspiradas na estética S&M.

³⁷ Claro que este processo ainda está em andamento, e sua aceitação se dá muito mais no nível ideológico. Para uma pessoa declarar ser “sadomasoquista” e ainda assim ser vista como uma igual por parentes, amigos, no trabalho, nas universidades e nos círculos sociais “normais” vai levar um bom tempo.

³⁸ MIRA, Maria Celeste, *O Leitor e a Banca de Revistas*, Campinas, Tese de Doutorado pela UNICAMP, 1997, pág. 285

O objetivo destes grupos, como o de qualquer outra associação de pessoas com afinidades em comum, é a troca de idéias sobre este universo, a aprendizagem de técnicas e muitas vezes, consequentemente mas não obrigatoriamente, uma oportunidade de realização dos desejos. Como estes são a princípio individuais, a variedade de fantasias, gostos e práticas é quase infinita.

Este é um dado importante: sob o termo “sadomasoquismo”, muitas práticas podem ser reconhecidas. Na verdade, o que une não é a questão dor/prazer ou submissão e dominação, que a princípio o nome S&M leva a crer, mas sim a recusa a uma sexualidade “comum”³⁹. Tudo aquilo que é considerado “normal” pela moral, senso comum e/ou ainda por muitos meios científicos⁴⁰, é entendido como tedioso e burocrático, totalmente o “oposto” da excitante criatividade que o imaginário S&M permite. Como disse um rapaz durante um encontro de adeptos: “Sexo papai-e-mamãe não dá!”.

Pode-se perceber a distância que separa ao menos conceitualmente estes dois mundos com este exemplo: enquanto revistas femininas de circulação geral e voltadas para um público mais “normal”, como “Nova”⁴¹, abordam os “tabus, as verdades e as dúvidas” sobre sexo anal, tratando este tema como uma “prática diferente, não rotineira”, adeptos homossexuais masculinos do “fist fuck”⁴² vêm nesta forma de prazer o ponto de partida para toda uma série de experiências eróticas nesta parte da anatomia.

Enquanto para a sexualidade “normal” a penetração peniana anal pode ser vista como um ponto máximo, a conclusão extrema de uma relação, para alguns grupos S&M ela é apenas o início, uma simples preliminar.

Outro exemplo pode ser o sexo oral. No universo S&M, esta prática pode evoluir para um tipo específico de asfixia da pessoa, com os genitais do parceiro a

³⁹ Por exemplo, o sexo visando apenas a procriação, os pudores morais ou as proibições religiosas durante o ato e a crença em uma sexualidade “certa” e uma “errada”.

⁴⁰ É fácil conferir: basta perguntar a seu médico qual a opinião pessoal dele sobre a atitude de colocar “piercings” nos genitais, a prática do “espancamento erótico” ou o gozo obtido através da ingestão de urina em um salto alto. As respostas, se sinceras, podem ser surpreendentes - a favor ou contra tais exemplos.

⁴¹ Ex: A matéria 7 Days Sex da edição de julho de 1999. Revista Nova, São Paulo, Abril Cultura, Ano 27, Nº 7, julho de 1999

⁴² Literalmente, “foda de punho”, ou seja, a penetração da mão, do punho e até mesmo de parte do braço na vagina ou no ânus do parceiro.

encobrirem suas vias respiratórias. Isto é normalmente conhecido como “smother”⁴³.

O próprio termo S&M ou SM é objeto de controvérsias, significando em inglês⁴⁴ tanto “Sadism”⁴⁵/ “Masoquism” como “Slave”/ “Master”. Muitas vezes, ele vem unido à outro: BD, formando o BDSM⁴⁶, que pode significar “Bondage”/ “Discipline”, “Domination”/ “Submission” ou “Sadism”/ “Masoquism”, onde cada termo designa um modo diferente de relacionamento, embora todos façam parte de um mesmo universo. E para que este fique bem demarcado como um todo em relação ao mundo “de fora”, as formas de sexo “convencionais” ou “comuns” são chamadas de “baunilha”, enquanto as “alternativas” são “Kinky sex”⁴⁷, ou seja, tortas, desviantes das “normais”.

Na relação dominador/ submisso, foca-se mais o lado psicológico no jogo de poder de um parceiro sobre outro. A “bondage” é outra forma na qual um parceiro “ativo” imobiliza e restringe os movimentos e reações do outro, seja amarrando-o/ prendendo-o através de cordas ou algemas, ou através da utilização de instrumentos médicos/ cirúrgicos exigindo bastante autocontrole por parte de quem está sendo o agente “passivo” da situação, para não lhe causar danos. Um exemplo disto é a inserção de sondas no canal da uretra, ou de tubos nasogástricos (entram pelo nariz e vão até o estômago) ou tubos orogástricos (entram pela boca). A “bondage” é considerada uma das formas mais perigosas e artísticas do sadomasoquismo, pela habilidade e cuidado que a pessoa deve ter para imobilizar a outra sem causar danos, além do caráter estético que podem assumir os nós e amarras.

Sadismo e Masoquismo geralmente são usados para uma relação com foco na dor física. A Disciplina pode pautar-se tanto por um caráter físico como psíquico, incluindo elementos dos outros “jogos”. Nos últimos tempos, os termos

⁴³ Do inglês “sufocar, abafar, opimir”.

⁴⁴ Uso os exemplos desta língua, pois é nos EUA e na Inglaterra onde parecem haver os maiores movimentos destes grupos como “organizações políticas” em prol de seus direitos civis.

⁴⁵ Muitos dos termos usados neste capítulo são gírias ou jargões usados no mundo S&M que não tem uma tradução exata para o português. Desta forma, quando estas palavras forem substantivos, não as traduzirei pois isto em muitos casos faz perder seu sentido original.

⁴⁶ É sob esta sigla, BDSM, que a aqui chamada “cultura S&M” têm se apresentado e referido a si mesma nos últimos anos.

mais empregados neste meio tem sido “*Top*” e “*Bottom*”, para designar respectivamente o agente e o paciente, pois seriam a princípio nomes “neutros”, que não levariam nenhuma tendência dentro de si.

Outros elementos como o “*banho marrom*” (fezes), a “*chuva dourada*” (urina) ou o “*banho romano*” (vômito), podem estar inclusos em qualquer uma das denominações acima, o que leva a um debate muito interessante dentro deste meio: algumas práticas não são necessariamente vividas como um aspecto formal do jogo de dominação. Por exemplo, a “*chuva dourada*”⁴⁸: um parceiro pode sentir prazer em ser urinado pelo outro graças ao caráter de submissão de sua parte. Mas existem também aqueles em que o prazer está no “fetichismo” do ato de urinar e da própria urina, sem a presença de uma relação de poder.

Têm-se aí um elemento importante deste universo. BDSM como um termo que abrange tudo o que é “alternativo” ou “*kinky*” em matéria de sexo, envolve os banhos de urina sob qualquer significação subjetiva que estes possam ter. Mas se BDSM é entendido no sentido mais restrito de compreender unicamente jogos de dominação/ submissão⁴⁹, então tal “chuva” só pode estar inclusa nesta nomenclatura quando dentro desta relação.

Mesmo sabendo das limitações em que incorrerei, neste trabalho vou utilizar-me mais das palavras “*sadismo*” e “*masoquismo*” por serem já reconhecidas socialmente e comumente consideradas termos gerais para abranger todas estas manifestações.

Apesar de não haverem regras e códigos universais, alguns elementos são comuns e/ou facilmente identificáveis entre os adeptos, assim como formas de conduta e uma certa ética são também exigidas. Existem os códigos de roupas, nos quais os vários grupos se reconhecem, como o couro, o jeans ou o uso de gargantilhas para simbolizar uma coleira. Nos bolsos, pode estar um lenço que de acordo com a sua cor significará uma preferência. Por exemplo: negro= jogos com

⁴⁷ Este não é considerado um termo pejorativo. Ao contrário, é muitas vezes usado com orgulho.

⁴⁸ Esta prática também é encontrada em publicações e produtos voltados para o meio como “*piss*” ou “*watersports*”.

⁴⁹ Física ou psíquica, aí inclusos o sadismo e o masoquismo.

dor, flagelação; vermelho= penetração com os punhos⁵⁰. Isto é conhecido como o “*hanky code*”, estando normalmente submetido a outro código, o da “*esquerda e direita*”, ou seja, se estes lenços estiverem do lado esquerdo indicam uma pessoa “sádica”; do lado direito, “masoquista”.

Enquanto na Europa existem clubes organizados e casas especializadas a várias décadas, no Brasil, até a alguns anos atrás, os adeptos desta cultura conheciam-se quase que exclusivamente através da seção de classificados de revistas eróticas. Com o advento da Internet, esta oportunidade de contatar indivíduos com os mesmos gostos tornou-se infinitamente mais fácil e rápida. Não apenas salas de conversa, mas páginas dedicadas aos assuntos S&M são uma forma de divulgação ao mesmo tempo em que, atualmente, a maior e talvez melhor porta de entrada neste universo. Desta maneira, ao unir pessoas com as mesmas afinidades e disposição para se encontrarem regularmente, pode ser fundado um “grupo”.

Normalmente o primeiro contato “real” com os grupos de S&M dá-se em um evento chamado “*much*”⁵¹: uma reunião aberta a todos os interessados, geralmente em locais públicos como restaurantes ou bares, onde o objetivo é conhecer o grupo em questão, sua filosofia, seus participantes, e trocar idéias sobre o BDSM. Nestes encontros, novas amizades podem ser feitas e até mesmo parceiros podem ser descobertos, embora esta não seja necessariamente a finalidade orientadora. Não é o lugar nem o momento próprio para serem exercidos os papéis sádicos ou masoquistas, ao menos de maneira explícita e direta.

O objetivo maior é sempre no sentido de reforçar laços “tribais”, criando um “espírito de grupo” próprio, reforçando a identificação do indivíduo com tais ideais ao mesmo tempo em que delimita sua diferenciação com o resto do universo não pertencente ao grupo.

Como em toda relação que envolve poder, consciente ou não, a hierarquia é algo extremamente importante nestes grupos. Mesmo com o clima de

⁵⁰ O já citado “fist fuck”.

⁵¹ Do inglês “comer, mastigar”, mas sempre “grandes pedaços” ou “ter a boca muito cheia”, dando sempre uma noção de um encontro especial, reforçando o tema do “excesso”.

descontração dos encontros e eventos, existe sempre uma “Rainha” ou um “Mestre” que preside tais momentos e que, em última instância, determina os rumos a serem tomados. Apesar disso, existe uma grande participação de todos que queiram se disponibilizar para tal, seja na promoção de novas idéias, seja na realização destas.

É comum estas organizações serem sustentadas pelos próprios membros, pois o objetivo inicial não é o lucro econômico. Assim, quando os participantes começam a aumentar, a estrutura para os eventos também necessita crescer, e consequentemente, os gastos em dinheiro a acompanham. Desta forma, faz-se necessário a cobrança de mensalidades ou um ingresso para determinados eventos. Isto, claro, seria a estrutura ideal para que o grupo se auto-sustentasse, o que é realmente difícil. O mais comum, são os “fundadores” e mais algumas pessoas próximas sustentarem grande parte dos gastos na esperança de que em algum momento este quadro se reverta.

Para tal, um dos eventos mais relevantes são os “*Workshops*”. Nestes encontros, especialistas, profissionais ou convededores de algum assunto ligado ao BDSM fazem uma palestra aberta tanto para membros, quanto para outros adeptos e o público em geral. Ao promover um maior conhecimento teórico/técnico sobre o universo S&M, o grupo mostra que é atuante, possui objetivos sérios e maiores que o encontro de novos parceiros, ajuda em sua própria divulgação e consegue uma fonte mínima de renda para sua manutenção.

Existem também as festas, ou “*play party*” como são chamadas. Em tais ocasiões, o objetivo é unir adeptos de um mesmo grupo – ou de outros – para o exercício das práticas S&M. As pessoas vivenciam as práticas que combinaram anteriormente, e ninguém é obrigado a participar de nada.

Estes são eventos fechados e apenas pessoas previamente selecionadas e convidadas podem participar. Muitas vezes, como as práticas são em meio ao público da festa, verdadeiras “aulas” são dadas sobre técnicas S&M: enquanto um Mestre amarra sua escrava, explica ao público presente sobre as maneiras de usar as cordas, métodos de segurança e possibilidades de novos “jogos”.

Têm-se aqui um elemento fundamental para a manutenção de qualquer grupo: a prática em comunidade. Não bastam apenas conversas em mesas de bar, amizades por computador ou palestras temáticas, torna-se necessária a vivência em conjunto com outras - e muitas vezes novas - pessoas com os mesmos ideais. Como disse um organizador: “*O objetivo é tirar o grupo do mundo virtual e torná-lo real*”.

A discussão sobre o quanto os grupos devem se “abrir” para que estes sejam reconhecidos – e consequentemente aceitos – mais facilmente pela sociedade parece gerar uma fonte constante de tensão. Quanto menos pessoas tiverem acesso a tais comunidades, menos chances de aparecerem oportunistas ou simples curiosos, mas também menos oportunidades de o grupo crescer e ser reconhecido socialmente com o respeito que espera. Este debate é constante, pois citando Gloria Brame sobre algumas organizações S&M gays americanas, “*As verdadeiras coisas que fizeram a Velha Guarda forte – uma estrutura social altamente desenvolvida e o senso de comunidade – atraíram novos membros e, afinal, contribuíram para sua diluição*”⁵².

No campo da ética, uma das palavras de ordem é a paradoxal convenção do “seguro, sadio e consensual”. Apesar de serem termos difíceis de definir e passíveis de muitas interpretações pessoais, eles podem ser entendidos como: seguro - os praticantes dizem não correr riscos sem as devidas precauções, inclusive com respeito a doenças (venéreas ou não); sadio - os praticantes asseguram estar de posse de todas as suas faculdades mentais e equilibrados intelectual e emocionalmente, justamente para não serem confundidos com psicopatas ou maníacos sexuais; consensual - as duas (ou mais) partes devem estar de acordo, não caracterizando-se nunca uma “violação” do outro. Segundo preconiza esta ética, ninguém é obrigado a fazer o que não quer.

Há também um outro “lema”: “*machucar sem maldade (ou danos)*”⁵³. Toda a agressividade física ou psíquica deve ocorrer dentro dos limites já preestabelecidos pelos parceiros, visando sempre o prazer do outro. Para que estas regras sejam mantidas é que muitos clubes de S&M não servem bebidas

⁵² BRAME, Gloria G., BRAME, William D., JACOBS, Jon, *Different Loving*, op.cit., pág. 31

alcoólicas nem permitem o uso de outras drogas. A maioria destas práticas já é suficientemente perigosa, sendo necessário que os praticantes estejam completamente conscientes para evitar possíveis problemas.

O que não significa que em alguns grupos elas não sejam liberadas. Por exemplo, certos meios aceitam o uso de substâncias como clorofórmio ou outros tipos de “anestésicos” para o adepto melhor suportar algumas práticas⁵⁴ ou mesmo outras drogas dentro do caráter recreativo. Sempre levando em conta que a pessoa só fará uso da droga se quiser, tanto quanto só participará de algo na mesma condição “espontânea”. Sejam alguns drinks apenas para “descontrair”, ou muitas cervejas para a prática da “chuva dourada”, o importante é o autocontrole dos próprios limites. E conhecer seus limites com substâncias que alteram a consciência passa a ser um bom teste para reconhecer a capacidade de controlar a si mesmo.

É importante que os membros ou candidatos a tal, tenham um apelido. Isto é o que vai identificar a sua “persona S&M”⁵⁵, ao mesmo tempo em que resguarda a “verdadeira” identidade do sujeito. Mais do que proteger o nome socialmente reconhecido do adepto, o apelido procura passar uma idéia de suas tendências e posições dentro do BDSM. “Demon”, “Bode Louco”, “Dengosa” ou “Sapequinha” são alcunhas que já trazem embutidas em si, uma série de referências, ainda que implícitas ou subjetivas. Mesmo se a experiência real deixar a desejar em alguns casos, no campo das fantasias, ou seja, dentro do imaginário deste tipo de associação entre pessoas, é de se esperar comportamentos e experiências distintas entre o “Bode Louco” e a “Dengosa”.

Um dado curioso é como não encontrei nenhuma referência, seja em sites da internet sobre S&M, ou na convivência e nas cartas dos adeptos, nenhuma referência à pedofilia, necrofilia ou zoofilia.

⁵³ No inglês: “hurt not harm”.

⁵⁴ Como o “fist fuck”, quando o objetivo não é a dor que tal prática pode acarretar ainda na fase de “amaciamento”.

⁵⁵ Da mesma maneira como em vários outros meios sociais: na área artística existe o “nome artístico”, na militar o “nome de guerra”, na aviação o “nome de pista”, entre outros.

Quanto a primeira, talvez por ser crime previsto em lei, exista um receio concreto em assumir publicamente tal desejo. Talvez a pedofilia não seja comumente encontrada entre estes grupos, por dois fatores que tenderiam a afugentá-la: a ética da consensualidade (que não se supõe haver da parte de uma criança), e o caráter existente nestes meios, de assumir pública e – espera-se – sinceramente suas tendências, vontades e práticas sexuais. Além do mais, o mínimo de idade entre os adeptos parece estar entre os 30 anos, pois o que se procura é justamente uma relação mais consciente de seus limites e desejos, ou seja, mais “madura”. Talvez um pedófilo, se descoberto, seria convidado a se retirar do grupo ao qual pertence, e seu nome rapidamente se espalharia no meio como pessoa não bem-vinda. Ainda assim, é possível que hajam alguns participando destes grupos, pois cada pessoa continua com sua vida particular normalmente⁵⁶.

Existe no entanto, uma prática conhecida como “infantilismo”: um dos parceiros assume um “papel” de criança, enquanto o outro representa o adulto responsável por aquela. Este tipo de fetiche é uma prática mais específica e não parece ser muito comum neste meio. Ele tem um mercado próprio de produtos, aparecendo muito raramente apenas em algumas revistas européias⁵⁷ de S&M.

Já sobre necrofilia, creio ser a mesma coisa que o exemplo anterior. Também existe um mercado de revistas e filmes sobre esta prática, todos assumidamente falsos, ou seja, as atrizes não são ou estão mortas realmente. Um parceiro finge estar morto enquanto o outro usa-o sexualmente. Mas este parece ser um fetiche extremamente raro nestes grupos organizados, sendo mais comum encontrar estes casos em pessoas não pertencentes a clubes ou organizações. Como diz um garoto de programa segundo o livro “*Formas de Prazer*”: “*Ele manda o motorista vir buscar o michê e leva lá para o Morumbi (...) cheghei lá, fui para um quarto meio escuro, cheios de teia de aranha, tocava uma música sarcástica, tinha*

⁵⁶ Outro dado importante: não existe a necessidade de “intimidade” sobre a vida dos membros participantes. Se esta surgir, será por opção da pessoa que cria com outras alguns laços afetivos mais fortes.

⁵⁷ Uma reportagem no canal de TV “GNT” sobre dominadoras profissionais, mostrou um caso destes, onde o cliente, um homem de aproximadamente 40 anos não queria sexo, e sim apenas receber os mesmos carinhos que um bebê recebe: ser trocado, tomar mamadeira no colo da mãe, receber abraços de caráter mais afetivo que “genital”, ser ninado e posto para dormir.

*uns baratos horripilantes...Bom, vesti o vestido de noiva que tinha lá e deitei no caixão, como o motorista falou para fazer (...) De repente entra um cara com um facão na mão e se masturbando (...) Quando ele te encurrala num canto da casa e quando ele vai enfiar o facão, ele goza. Manda o motorista te pagar e levar de volta*⁵⁸.

A zoofilia é talvez um caso a parte: É um dos mais antigos e bem consolidados mercados dentro dos produtos sexuais “não convencionais”, sendo sucesso tanto no Brasil quanto no exterior. O coito entre homens e animais parece estimular o imaginário não apenas de meios rurais – como é constantemente justificado - mas também os grandes centros urbanos. Isso é o que afirma o biólogo holandês Midas Dekkers em seu livro “*Querido Animal*”: “*O sexo entre homens e animais é praticado essencialmente no campo. Já o sexo entre mulheres e animais é basicamente urbano, e principalmente com cães*”⁵⁹.

Ainda assim, é algo um tanto quanto aparte da cultura S&M, pois o que importa nestes relacionamentos “sadomasoquistas” é justamente o jogo de poder com alguém capacitado a compreender este tipo de relação. Por isso, o mais comum são os próprios adeptos transformados em animais, e não estes de verdade. Desta forma, é usual nos encontros especiais ou festas destes grupos, homens de quatro, presos por coleiras e que só se comunicam por latidos; ou garotas enfeitadas com penachos coloridos na cabeça, arreio entre os dentes e um rabo falso⁶⁰, como se fossem belas éguas de shows circenses. Assim produzidas, são chamadas de “*ponygirls*”.

O fato destas três práticas citadas acima, apesar de “*kinky*”, não serem comuns na cultura S&M, foi bem interpretado na introdução do livro “*Different Loving*”, considerado em vários sites como “a Bíblia do BDSM”: “*Nós portanto treamos de investigar atividades tais como pedofilia, zoofilia e necrofilia. Desde*

⁵⁸ PIZANI, Marcelo, *Formas de Prazer*, Rio de Janeiro, Record, 1994, pág. 20

⁵⁹ Entrevista com Midas Dekkers no jornal *Folha de São Paulo*, Domingo, 28 de março de 1993, caderno cotidiano, pág. 4

⁶⁰ Muitas vezes preso e encaixado no próprio ânus da pessoa. É um apetrecho que pode ser encontrado em alguns Sex-Shops.

*que crianças, animais e cadáveres não podem dar informações ou consenso legal para a atividade sexual, tais encontros não podem ser consensuais*⁶¹.

O momento da relação sadomasoquista em si é chamado de “*cena*”, talvez para reforçar a idéia de que o acontecimento não é “real”, e sim um “teatro”. Isto também é reforçado pelo termo “*to play*” para designar a participação no ato, pois ele significa tanto jogar, quanto brincar ou interpretar. Toda a nomenclatura é forjada para realçar as diferenças desta forma de sexo com aquelas consideradas realmente perigosas como os crimes sexuais ou torturas “verdadeiras”. Atores não são presos por assassinarem personagens no palco.

As cenas devem sempre ser combinadas antes de postas em prática, ou seja, os parceiros devem saber exatamente o que o outro quer e quais seus limites. Esta é uma fase considerada fundamental: a chamada “*negociação*”, e todo o bom (ou mau) andamento da cena será decidido aqui. Por isso este período de conhecimento e reconhecimento deve ser o mais minucioso possível, estendendo-se também para além do período da relação.

Neste momento também decide-se a “*palavra de segurança*”, um termo que quando dito pelo masoquista (ou eventualmente pelo sádico) é sinal de que algo está errado e a cena deve parar. Esta palavra pode ser usada tanto por se alcançar um limite físico ou psíquico como por um acontecimento inesperado indesejável. Nos casos em que a pessoa está impossibilitada de falar (por exemplo: amordaçada), procuram ter sempre um meio disponível já combinado de comunicar uma emergência, seja por movimentos do corpo, seja por campainhas ou outros métodos. A palavra de segurança dá o limite concreto da cena. Ainda assim, podem existir outros termos para avisar ao outro que se está quase no limite. Algo como “*vermelho*” para o limite e “*amarelo*” para o tomar de certos cuidados.

O papel de escravo/ masoquista é visto tanto por estes quanto pelos mestres/ sádicos e de maneira quase unânime, como uma entrega, um ato de cumplicidade e muitas vezes até de amor, exigindo para uma boa realização da

⁶¹ BRAME, Gloria G., BRAME, William D., JACOBS, Jon, *Different Loving*, op. cit., pág. 12

cena, uma carga de afetividade entre os parceiros extremamente alta. O jogo erótico de poder parece só fazer sentido quando existe uma harmonia emocional entre os participantes. Para muitos adeptos, em especial aqueles com um relacionamento afetivo já consolidado como casal, as práticas sexuais do BDSM são tidas como uma forma especial de vivenciarem suas paixões um pelo outro.

Ainda assim, muitos grupos e adeptos não descartam as relações apenas por “diversão”, ou seja, sem um envolvimento emocional mais acentuado, onde o que importa é o desenvolvimento da relação erótica, e a afetividade envolvida é a de companheirismo, não a de “paixão”. Mas seja qual for o tipo de relação, o lado “humano” desta é considerado sempre um elemento fundamental e nunca pode ser esquecido.

Percebe-se desta forma, que a noção de “confiança” no outro é fundamental. E para este elemento surgir, espera-se dos parceiros um mínimo de “sinceridade” quanto aos assuntos S&M. Estes dois fatores psicológicos são o que permite aos adeptos correrem o risco de se expor publicamente como praticantes e, mais concretamente, correrem os “riscos” durante as “cenas”. Isto é mais um dado que confere importância à existência de grupos organizados. Nestes, a pessoa é obrigada à “mostrar a cara”, diminuindo as chances dos membros realizarem um encontro “às escuras” e potencialmente mais “perigoso”.

Da mesma maneira, se uma pessoa não respeitar a palavra de segurança, ela pode passar a ser vista como um encontro arriscado – na melhor das hipóteses. Alguém que pretende participar de um destes grupos e mente quanto a seus motivos, já começa errado, correndo o risco de ser visto como um imaturo ou mesmo um “traidor”.

Algo próximo parece ter acontecido com um grupo de São Paulo, o SoMos. Uma repórter da revista “Playboy” entrou em contato, participou de alguns “munchs” e foi convidada a participar de uma festa S&M, própria para “iniciantes”. O problema foi que ela apresentou-se como adepta, e nada disse sobre a reportagem. No final da festa, revelou que estava ali a trabalho causando um mal-estar geral ao grupo.

Após esclarecimentos, o grupo decidiu que a matéria poderia ser feita, mas o resultado final não agradou. Alguns sites dedicaram espaço para criticar esta reportagem, e o texto da revista foi considerado por muitos como apelativo e sensacionalista. Afinal, uma frase como “*Proibido, mesmo, pouco além de quebrar ossos*⁶²”, passa a idéia de uma agressividade desmedida e uma violência exagerada. E o mais importante: a “confiança” na repórter foi traída, pois ela não havia sido “sincera” quanto a suas intenções.

Outro elemento importante: a noção de respeito. Não apenas como educação mínima necessária para a convivência com outras pessoas, mas também como reconhecimento e aceitação de limites. Se uma proposta de “cena” é respondida com uma negativa, espera-se que aquele que recebeu a recusa não fique sem graça ou “chateado”, e principalmente, que não insista em tal intento. A proposta de sociabilidade destes grupos baseia-se neste respeito aos limites do outro. Nas palavras de um membro: “ninguém é obrigado a fazer nada, mas tem que respeitar aqueles que querem e os que não querem fazer”.

Este conceito de “respeito” é tão importante que mesmo durante uma cena S&M, seja entre um dominador e um submisso, ou entre um sádico e um masoquista ela deve ser mantida. Conforme os adeptos afirmam, BDSM é uma coisa, falta de educação, grosseria e estupidez são outra.

Um dos elementos formadores desta cultura e que a ajuda a se caracterizar enquanto tal é uma das consideradas perversões “de base” por Krafft-Ebing: o fetichismo. É ele quem vai delimitar grupos e moldar preferências. Objetos como chicotes, cordas, couro, são como que a “marca registrada” do S&M. Sua influência estende-se a todas as práticas e o faz confundir-se com a própria concepção deste universo. Para muitos, o fetichismo é o sadomasoquismo, embora com ressalvas: enquanto a primeira forma, em seu estado “puro” não requer uma inter-relação - pois trata-se normalmente de um objeto - na segunda o relacionamento é fundamental e indispensável.

Objetos e partes do corpo são exaltados a ponto de tornarem-se símbolos quase místicos de adoração. Em torno deles, formam-se grupos e “ritos”. O S&M é

⁶² Revista *Playboy*, edição N° 300, julho de 2000, pág. 93

também um ritual. Não no sentido religioso, mas como um sentimento de entrega, com comportamentos padronizados e uma forte atitude de “devoção” para com alguém ou algo. No livro “*A História de O*”, estes elementos ficam claros nas proibições da personagem principal em cruzar as pernas (para simbolizarem a pessoa estar sempre disponível) e no beijo ao chicote que a fustigou após as sessões de flagelação.

O importante é o “clima” e o estado emocional que ele proporciona, utilizando-se para isto de vários aparatos visando aguçar e impressionar todos os sentidos físicos. “*Os papéis, o diálogo, as roupas fetichistas e a atividade sexual são parte de um drama ou um ritual... A subcultura sadomasoquista é um teatro no qual dramas sexuais podem ser representados*”⁶³. Mesmo levando em conta o caráter de moda e participando de uma “indústria”, talvez para muitos o S&M seja o que o Ocidente criou de mais próximo a uma *Ars Erótica*, como desenvolvida nas culturas orientais.

Não existe a necessidade última de uma relação genital, pois toda a cena é sexo, todo o relacionamento é sexualizado ao máximo, e o uso (ou não) dos aparelhos reprodutores também está sujeito a uma prévia combinação⁶⁴. A carga de energia emocional é o que conta em primeiro lugar. Por isso, um adepto diz: “*Uma boa cena não termina com orgasmo - termina com catarse*”⁶⁵.

Outro dado importante: o gozo genital, como clímax de um envolvimento erótico, e objetivo geral das relações “baunilha”, é por si só um elemento de controle perfeito para os jogos S&M. Manter um escravo por até mesmo semanas sem poder atingir o orgasmo durante os encontros ou obrigá-lo a gozar várias vezes são práticas comuns. Controlar como, quando, quanto e onde um submisso pode ter orgasmos é possuir o controle de todo seu prazer erótico-genital.

Como mostra a citação acima, para alguns adeptos o importante não é este tipo de “finalização genital” de uma relação sexual, que levou, entre tantos, ao

⁶³ CALIFA, Pat, citada em STEELE, Valerie, *Fetiche - Moda, Sexo e Poder*, op. cit. pág. 179

⁶⁴ Neste sentido pode parecer uma volta ao que Freud chamou de “sexualidade infantil”, ou seja, a sexualidade ainda não genitalizada. Mas existe uma grande diferença: a cultura S&M exercita não a regressão a um estado anterior, mas a uma “genitalização” de todo o corpo, ou seja, um estado *posterior* da sexualidade.

⁶⁵ PORTER, Roy e TEICH, Mikulás, *Conhecimento Sexual, Ciência, Sexual*, São Paulo, Editora da UNESP, 1997, pág. 73

próprio Freud a descrever tal conduta como “desvio com respeito ao alvo sexual”: “*Considera-se como alvo sexual normal a união dos genitais no ato designado como coito, que leva à descarga da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão sexual (...) Todavia, mesmo no processo sexual mais normal reconhecem-se os rudimentos daquilo que, se desenvolvido, levaria às aberrações descritas como perversões*”⁶⁶.

A finalidade quanto aos prazeres conhecidos como “preliminares”, é prolongá-los o máximo possível, e não que estes sejam concluídos o mais brevemente. Já que o objetivo é antes de tudo o aumento da carga erótica até os limites físicos, psíquicos e principalmente, “fantasiados” de cada indivíduo, o orgasmo, em especial o masculino, é visto por alguns como uma interrupção de tal processo⁶⁷.

Assim, conforme definiu o adepto citado, espera-se alcançar um tipo de “catarse” ou seja, uma intensa descarga afetiva, no caso ligada diretamente à vivência erótica que, muitas vezes, espera-se ter a capacidade de purgar, de “purificar” e aliviar as tensões nervosas da psique do indivíduo. Isto vale especialmente para o caso masculino, lembrando bastante o que tratados orientais sobre sexo argumentavam em favor da distinção entre orgasmo e ejaculação.

Segundo um autor chinês, Jolan Chang, existe um gozo mais potente que aquele oriundo da emissão do sêmen e que só é alcançado com a privação consciente da ejaculação. Este outro prazer seria não apenas genital, mas de uma carga erótica que abrangeeria toda a estrutura psíquica do homem, alcançando todos os aspectos de sua vida: “*Ejacular menos não significa, de maneira nenhuma, que o homem seja sexualmente incapaz e nem tampouco que seu prazer sexual será menor. Chamar a ejaculação de "clímax do prazer" é apenas um hábito e, nesse aspecto, um hábito nocivo (...) Jamais trocarei minha alegria por seu tipo de prazer (...) sexo sem ejaculação é também um alívio de tensão,*

⁶⁶ “As Aberrações Sexuais” in FREUD, Sigmund, *Obras Completas* em CD-Rom, Rio de Janeiro, Imago Editora

⁶⁷ A não ser claro, que o orgasmo e principalmente, a ejaculação masculina ou feminina sejam o “fetiche” em questão.

*apenas que a explosão inexiste. É um prazer de paz, e não de violência, é uma fusão de satisfação sensual e duradoura em algo maior, em algo que transcende a própria pessoa.*⁶⁸ Embora a idéia ocidental de “catarse” e a oriental de “gozo sem ejaculação” provenham de culturas, épocas e subjetividades distintas, este tipo de declaração acima permite muito bem uma analogia com a experiência da descarga emocional que recoloca a psique em “ordem” contida na concepção de catarse.

Segundo alguns praticantes, o S&M pode ser profundamente “terapêutico”, embora este não seja o objetivo e nem os participantes o indiquem neste sentido. Pelo contrário, vários sites recomendam que, se a pessoa não está bem consigo mesma ou com o parceiro, primeiro vá procurar ajuda especializada, e só depois tente praticar o “sadomasoquismo”.

Por outro lado, vários adeptos consideram que o controle do orgasmo do parceiro deve ser apenas mais um elemento do jogo de dominação, mas que ao final da cena, todos devem vivenciar o gozo. Qualquer alteração quanto a isto deve ser sempre combinada antes. Afinal, espera-se que o prazer seja recíproco, e a frustração do gozo pode abalar uma relação, podendo inclusive colocá-la em xeque.

Justamente este caráter “fetichista” do S&M vai moldar a sua “estética” própria e um “modo de vida” característico. Toda uma inútil e infantil discussão sobre a diferença entre “erótico” e “pornográfico” ficou desnorteada com o surgimento de trabalhos nas mais variadas áreas artísticas - especialmente a fotográfica - onde os produtos mais “estranhos” da imaginação erótica ganharam um contorno artístico nunca antes imaginado. Não podemos nos esquecer o quanto a “moda” como vestuário foi – e ainda é – importante para o universo sadomasoquista, tanto como uma identidade própria, quanto na venda de uma imagem para a cultura de “massa”: “*Por mais fantásticas que as roupas do Torture*

⁶⁸ CHANG, Jolan, *O Taoísmo do Amor e do Sexo*, Rio de Janeiro, Artenova, 1979, pág. 28

*Garden⁶⁹ parecessem, sob um olhar mais atento percebe-se que elas mantêm uma semelhança reconhecível com a moda contemporânea*⁷⁰.

Calças de couro, coturnos, máscaras de borracha e tantas outras peças de roupa tornaram-se “uniformes” obrigatórios das “cenas” S&M. Casas especializadas e festas típicas muitas vezes exigem o chamado “*dress code*”⁷¹, tão importantes são os trajes. Mas existe um outro fator que torna a vestimenta fundamental, ao mesmo tempo em que a define como mais um dado de diferenciação com a sexualidade “normal”: toda a roupa é erotizada. O objetivo é causar desejo, medo, transmitindo poder e sensualidade: “*A própria roupa está geralmente associada ao poder, e a nudez com a falta dele*”⁷². Ora, enquanto os “baunilhas” se despem para o sexo, os adeptos do S&M vestem-se para fazê-lo.

As referências mais comuns destes cenários e roupas são as masmorras medievais, as câmaras de tortura, conventos, mosteiros, o universo médico de hospitais e enfermeiras e o meio militar⁷³, este último, em muitos casos, na sua versão mais cruel já conhecida – o nazismo. Ora, é justamente este caráter de poder absoluto sobre uma pessoa também a princípio absolutamente indefesa que estimula o imaginário S&M.

Susan Sontag⁷⁴ já analisou a relação entre sadomasoquismo e fascismo, e o quanto estes dois podem ter de afinidades diretas. Mas, na cultura do BDSM estas proximidades estão apenas no campo de uma “fantasia fascista”, pois o lema do “sô, seguro e – principalmente – consensual” não se encaixa na crua realidade dos regimes políticos totalitários e/ ou fascistas.

O antes “perigoso” e “sombrio”, passou a ser considerado por um segmento da sociedade contemporânea como belo e atraente, ainda que só para olhar. Os adeptos vêem a sua prática como uma arte, e como tal acreditam que ela deva ser

⁶⁹ Famoso clube sadomasoquista de Londres.

⁷⁰ STEELE, Valerie, *Fetiche - Moda, Sexo e Poder*, op. cit. pág. 12

⁷¹ O código de vestimenta, ou seja, se é um evento de adeptos de couro, só usando trajes deste material para poder entrar; se o tema for BDSM em geral, qualquer roupa ligada ao estilo vale. O objetivo é sempre a exclusão de vestuários que não passem um “clima” ou uma “atitude” esperada, tais como ternos, tênis, moletons ou roupas “sociais”.

⁷² STEELE, Valerie, *Fetiche - Moda, Sexo e Poder*, op. cit. pág. 179

⁷³ Todos ambientes de poder, onde alguém é sempre obrigatoriamente submisso a outro hierarquicamente “superior”

⁷⁴ SONTAG, Susan, *Fascinante Fascismo in Sob o Signo de Saturno*, Porto Alegre, L&PM, 1986

apreciada, mesmo por aqueles que não participam deste mundo - os de sexualidade “baunilha”. A dor no S&M seria além de prazerosa, “bela”.

Mas esta “arte” não é apenas algo a ser feito somente dentro das “masmorras”⁷⁵. Ela deve estar impregnada em todo o corpo e alma da pessoa, ela deve ser um “estilo de vida”. Claro que as práticas sadomasoquistas podem ser feitas por qualquer um, independente de participar ou não da “comunidade S&M”. São práticas universais, e após Freud, tornaram-se também “normais” dependendo do grau com que são praticadas nos relacionamentos humanos. Mas quero focar neste capítulo apenas aqueles a quem estes aspectos adquirem uma tonalidade social mais forte, tornando-se uma “forma de ser e de sociabilidade” da pessoa.

Assim, os corpos adquirem uma nova significação, sendo vividos não apenas fonte de prazer mas - através de vários tratamentos erotizados (como a tatuagem, as escarificações, os cortes de cabelo, espartilhos que “deformam” a silhueta) - uma obra de arte⁷⁶. A separação entre papéis “sádicos” e “masoquistas” deve ser clara também no físico. Em certos grupos somente os primeiros podem possuir pêlos púbicos, enquanto os segundos devem ser completamente depilados, para demonstrar sua vulnerabilidade. *“Em alguns casos, a obra de arte é o próprio corpo do artista (...) Nas diversas manifestações culturais ou sociais, das mulheres, dos homossexuais (gays ou lésbicas), dos negros e outras minorias étnicas, da terceira idade, dos deficientes físicos (...) a diferença não se explicita apenas em signos exteriores, mas se inscreve no corpo. O corpo é o lugar dessa diferença”*⁷⁷. O que se chama nestes meios de “Body Art” é justamente isto. Transformar o corpo numa peça única, bela e sexual.

Esta valorização do corpo encontra-se ligada diretamente a uma também revalorização de outras formas corporais já “fora de moda” ou consideradas “estranhas” e “feias” quanto ao ideal de beleza física da sociedade de massas do fim do século XX. Assim, um das “ramificações” do universo S&M é a atração

⁷⁵ Gíria com que são chamados os locais de práticas S&M. No inglês, “dungeon”.

⁷⁶ Além de transformar estas partes do corpo em novas “zonas erógenas”.

⁷⁷ MIRA, Maria Celeste, *O Leitor e a Banca de Revistas*, op.cit., pág. 284

sexual por pessoas muito gordas ou muito magras, deficientes físicos, idosos e tudo o mais que não faz parte do padrão estético predominante.

Mas torna-se necessário algo mais. É preciso “atitude”. O corpo deve estar em harmonia e expressar as idéias e intenções da mente. Não basta apenas ter um visual, é necessária uma postura S&M, que muitas vezes atua no campo da política e dos direitos. O prazer deve ser respeitado e garantido em suas inúmeras manifestações.

E este alargamento das possibilidades de prazer é, muitas vezes, aprendido. Claro que todos já chegam aos grupos com suas preferências e gostos em matéria de sexo, mas a relação BDSM é também a de professor/ aluno. Todas as práticas que não foram excluídas de antemão no momento de combinação da cena, são passíveis de serem vividas e “treinadas”, para a ampliação dos limites do excitável e do excitante. Explico melhor: uma escrava talvez seja indiferente à podolatria⁷⁸, mas seu mestre ao exigir esta prática, pode “educá-la”, com o tempo, a sentir um deleite que antes não conhecia. Ao repertório de gozos já existentes, novos prazeres podem ser acrescentados, bastando para isso, apenas a disponibilidade para tal. Dentro deste campo de possibilidades existem as chamadas “barreiras”, ou seja, limites passíveis de serem transpostos, dependendo apenas de como, quando e com quem isto pode ser feito.

Assim, percebe-se nestas práticas, que novos prazeres e gostos sexuais podem ser apreendidos, treinados e desenvolvidos, não se limitando a um determinismo em que tais limites foram pré-fixados em algum momento inconsciente durante a infância, durando então por toda a vida. A “polimorfia-sexual-perversa-infantil” da qual Freud falava, talvez seja muito mais fácil de voltar à tona do que parece, pois “em suma, que a sexualidade pervertida não é senão uma sexualidade infantil cindida em seus impulsos separados”⁷⁹.

Os vários grupos existentes divergem entre si em muitos pontos (existem as comunidades homossexuais, as heterossexuais, as “de couro” os “adoradores de chicotes”, entre outras), mas todos lutam pelo direito de exercer livremente sua

⁷⁸ Adoração de pés, que pode incluir na prática desde a simples contemplação ou longas massagens, até masturbação, beijos e lambidas ou a penetração destes nos genitais.

⁷⁹ “A Vida Sexual dos Seres Humanos” in FREUD, Sigmund, *Obras Completas/ CD-Rom*, op. cit.

sexualidade e formas de convivência sem serem taxados de “doentes”, “loucos”, ou sofrerem processos e riscos de prisão. Seriam o “body art” e a “atitude” formas de atualização radical da “estética da existência” da qual Foucault já falava⁸⁰?

A mulher tem um papel fundamental neste contexto. Excetuando talvez os grupos de homossexuais masculinos, em muitos grupos organizados elas ocupam uma grande parte dos papéis sádicos⁸¹, o que é comumente conhecido como “*FemDom*”, o “dominação feminina”. Conhecidas como “*senhoras*”, “*rainhas*” ou “*dominatrix*”, colocam em cheque a visão clássica na qual o sadismo seria o exagero da agressividade natural masculina. Aqui o predomínio do “macho” não faz sentido. Embora afirme as diferenças entre o desejo masculino e o feminino, vários grupos de S&M não se interessam por questões de gênero, procurando até mais do que bissexualidade.

O alvo é a chamada “*pansexualidade*”, pois o sexo biológico não é o importante, e sim a postura de acordo com os sentimentos e tendências íntimas de cada um. O amor (e a sexualidade), muitas vezes, não tem sexo. E nem objeto fixo. “À medida que a anatomia deixa de ser destino, a identidade sexual cada vez mais torna-se uma questão de estilo de vida”⁸².

Os papéis de sádico ou masoquista seriam “descobertos” pela pessoa de acordo com seus sentimentos, muito mais do que “escolhidos”. O indivíduo se adapta ao papel, e não o contrário. É como a noção de introvertido ou extrovertido. Nós somos os dois, que vão se manifestar de acordo com a situação, mas uma tendência será a dominante. No S&M é a mesma coisa: o sadismo e masoquismo seriam possibilidades abertas a todos (graças à Freud!) mas um destes aspectos é que vai dominar em cada pessoa, de acordo com sua personalidade⁸³. Por isso

⁸⁰ FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade - O Uso dos Prazeres*, Rio de Janeiro, Graal, 1988

⁸¹ Na quase totalidade de propagandas de serviços S&M, a chamada é feita através da figura de uma sádica, pois normalmente visa atingir um público que aceita mais facilmente a “dominação” feminina do que o homossexualismo masculino.

⁸² GIDDENS, Anthony, *A Transformação da Intimidade*, op. cit., pág. 217

⁸³ Poderíamos propor uma analogia ao processo de descoberta do “clown” nas artes cênicas. Clown (ou palhaço) não é exatamente um personagem, é mais uma versão “artística” de uma faceta - a ridícula - da própria pessoa, que só pode ser criada ao tomar conhecimento de suas tendências íntimas mais restritivas, e tensas (clown branco) ou mais subversivas, e relaxadas (clown augusto). Ex: O Gordo (branco) e o Magro (augusto).

em alguns grupos de adeptos diz-se: “ou se é um, ou outro”. Para estes, sadomasoquista seria apenas a relação, não a pessoa.

Mas dentro de certos grupos, existem aqueles que assumem ambos os papéis, dependendo do tipo de cena ou do parceiro com quem estão jogando: são os chamados “switchers”. Para alguns adeptos, todos são potencialmente switchers, bastando apenas o desenvolvimento de ambas as tendências, e não apenas de uma faceta destas⁸⁴. Assim, a descoberta dos papéis sexuais passa a ser também um processo de autoconhecimento. Além dos limites de gênero, muitas vezes a própria sexualidade torna-se uma questão de relação e interatividade. Isto mostra o quanto o “outro” é importante. Muito das cenas são feitas pensando nele, não em si mesmo.

E chegamos a um ponto central da cultura S&M: quem “comanda” toda a cena é o masoquista. Ele é o foco central, pois seus limites serão os norteadores de toda relação. O sádico na verdade é quem “serve” a ele, tendo toda a liberdade de criar novas situações, mas sempre balizando-se pelos desejos e sinais do que sofre. Mesmo quando um escravo dá liberdade total a seu mestre, inclusive para atitudes ou vivências não consensuais, existe por trás um acordo implícito, onde estas mesmas práticas seriam “consensualmente não consensuais”.

Isto é fundamental para algumas das cenas mais arriscadas, como por exemplo, os “jogos com sangue”. Seja via perfuração, cortes ou chicotadas, o foco no suplício da carne não é nunca levado aos limites “reais”. O sangue torna-se um elemento de prazer graças à sua cor, consistência, volume, temperatura, brilho, e claro, pelas sensações que as feridas causam na pele. Existem várias técnicas de flagelação que são ensinadas em livros ou sites da internet, com indicações das melhores posições para o açoite, dos lugares mais sensíveis, onde o sangue brota mais fácil e abundantemente e dos tipos de chicotes necessários para cada forma de dor específica⁸⁵. A atitude de concentração na dor leva à percepção de que ela não é única, mas várias, com diferenças entre si de grau e qualidade⁸⁶.

⁸⁴ Algo como a idéia de bissexualidade psíquica “original”.

⁸⁵ Como os chicotes “Bull Whip” e o “Signal Whip” entre outros, sendo que cada um causa uma dor própria.

⁸⁶ Da mesma forma que uma dor de cabeça não é igual a uma dor de cólica, embora ambas seja genericamente consideradas como “dor”.

Estas “brincadeiras” devem estar sujeitas a cuidados, sendo um dos mais comuns o uso de luvas de borracha esterilizadas, para inclusive manter uma característica bastante encontrada nestes meios: o sexo sem “troca de fluidos”. Após o final da cena ou mais especialmente, após o gozo, normalmente os jogos de punição corporal devem cessar, pois tudo o que a excitação crescente tem capacidade de anestesiar, depois deste momento torna-se muito mais sensível e “frágil”, transformando a dor antes prazerosa em algo desagradável. Há sádicos que estudam enfermagem ou adquirem noções médicas apenas para um melhor aproveitamento destes jogos com um risco menor de acidentes⁸⁷.

Mas mesmo com todos os cuidados, várias das práticas envolvem uma dose de risco, ainda que este seja calculado. “Banho marrom”, vibradores mal higienizados, técnicas de bondage mal feitas ou até mesmo parceiros excepcionalmente descontrolados podem acarretar futuros problemas de ordem tanto física quanto psíquica, não apenas em relações BDSM. E quanto mais parceiros na cena, maior o risco potencial, sem falar é claro, de doenças como AIDS ou outras DSTs, especialmente quando pode haver a “troca de fluidos” durante a cena. Como encontrei em um site e ouvi exatamente igual de um adepto: “Você assume o quanto de risco está a fim de correr”.

Muitas pessoas ainda acreditam inocentemente que o masoquista é aquele capaz de sentir toda e qualquer dor como prazer. Ora como já disse Jean Paulhan, desta forma *“os homens teriam encontrado o que tão assiduamente procuravam na medicina, na moral, nas filosofias e nas religiões”*⁸⁸. O masoquista é aquele que, em determinada situação específica, consegue erotizar a dor, fazendo-a perder muito de seu caráter assustador ao mesmo tempo em que surge o prazer, e não alguém que tem um orgasmo indo ao dentista fazer uma obturação sem anestesia⁸⁹. A dor não é substituída pelo prazer. Este surge concomitante a

⁸⁷ É curioso que com uma intimidade corporal e uma entrega tão grande entre os adeptos, em algumas festas e reuniões de certos grupos, o ato de tocar alguém sem o conhecer é considerado extremamente grosseiro e incômodo, tornando quem cometeu esta falta uma pessoa não grata no ambiente.

⁸⁸ PAULHAN, Jean, *A Felicidade na Escravidão* in: RÉAGE, Pauline, *A história de O*, São Paulo, Círculo do Livro, 1992, pág.12

⁸⁹ O masoquista continua sentindo normalmente a dor (física ou psíquica) como “dor” mesmo, igual a qualquer “baunilha”, a não ser quando está em uma cena.

ela, sendo a atuação da sensação dolorosa fundamental, do contrário este tipo de relação perde o sentido.

Há uma visão de mundo sadomasoquista que procura cada vez mais a legitimidade social, nem que para isso, seja obrigada a se “profissionalizar”. Desta forma, voltamos ao campo da cultura de massas e dos direitos civis. Com o surgimento nesta última metade de século de uma “indústria da pornografia”, o que antes era uma tolerância ao sexo, tornou-se um negócio lucrativo⁹⁰. De duas décadas para cá, o número de produtos e estabelecimentos ligados à sexualidade cresceu enormemente.

Sex shops, terapias sexuais, fitas de vídeos “pornográficos”⁹¹, sensuais apresentadoras de programas infantis, parecem agora apenas um elemento a mais no cenário cotidiano. Mesmo a área da propaganda rendeu-se aos apelos estéticos sadomasoquistas⁹². Neste contexto, a prostituição em muitos lugares passa a ser discutida como uma opção de trabalho. Apesar de muitos grupos S&M diferenciarem esta do sadomasoquismo comercializado, ele torna-se mais um no leque do mercado sexual, garantindo-lhe uma aceitação e influência maior na sociedade através do fator já analisado acima e que muitas outras comunidades não possuem: uma estética.

Claro que o S&M anunciado e divulgado nos meios de comunicação de massa são sempre versões mais amenas dos estilos e práticas destes grupos⁹³. “A fantasia de dominadora foi ativamente abraçada por um segmento da imprensa de moda, com a aposta dos editores e que a imagem de uma mulher poderosa e sensual iria atrair mais as leitoras do que ofendê-las”⁹⁴. As propagandas focam muito mais o caráter de “dominação” e “submissão” ao invés de uma possível

⁹⁰ Existe até um nome para a pessoa que trabalha neste mercado, muito usado nos EUA e pouco no Brasil: o “pornógrafo”.

⁹¹ Segundo Nuno César Abreu em seu livro “O Olhar Pornô”, foram as fitas pornográficas que ajudaram a solidificação das bases do até então flutuante mercado das videolocadoras.

⁹² Basta ver por exemplo, uma propaganda do jeans “Fiorucci” a alguns anos atrás, onde a imagem que aparecia era uma garota de costas, nua, com as mãos presas por algemas forradas de pelica cor de rosa. Cômico é que o jeans, ou outro produto qualquer associado à esta marca nem aparece - ou é citado - na foto.

⁹³ Por não ser uma comunidade “única” e “uniforme”, existem os vários graus de intensidade das práticas que dependem das inter-relações entre os adeptos, que vão desde versões mais “leves”, até atos criminosos que são declaradamente considerados por seus membros como contrários aos princípios do mundo S&M.

relação envolvendo dor física e suplícios da carne. A humilhação psicológica tem mais apelo “popular” do que a agonia do corpo. Mesmo um rito de dor como é originalmente o “piercing”, ao virar “moda” perde o caráter de tortura erótica, tornando-se apenas um elemento estético⁹⁵.

Mas existe também o mercado de produtos eróticos voltado quase exclusivamente para estes adeptos. Revistas e filmes especializados possuem clientela garantida que incentiva a sua continuidade, mesmo sabendo que em locadoras de vídeo “normais”, muitas destas fitas⁹⁶ (ou fotos) seriam consideradas “impróprias”. Máquinas de “tortura”, chicotes, aparelhos para suspensão dos corpos, roupas e peças de borracha, couro, veludo; equipamentos para lavagens intestinais, tudo é facilmente encontrado em lojas ou clubes próprios. O universo S&M com suas práticas e posturas está ao alcance de qualquer um, tendo como único limite às camadas mais “centrais” deste meio, a restrição econômica⁹⁷.

Este dado limitador barra tanto encontros com “profissionais” quanto o “estilo de vida”. Vejamos: uma das mais famosas dominadoras profissionais da cidade de São Paulo, em 1998, cobrava R\$ 200,00 por sessão (1 hora). Quando fui procurá-la para marcar uma entrevista, ela avisou que cobraria o mesmo preço (pela mesma quantidade de tempo) por três motivos: já haviam publicado declarações suas em jornais que ela não havia gostado; o dono do espaço onde se dava a prática estava doente, assim o dinheiro indiretamente poderia ajudá-lo (?) e, finalmente, eu estaria tomando um tempo no qual, teoricamente, ela poderia estar ganhando aquela quantia.

E não apenas roupas ou instrumentos possuem preços elevados, mas a grande maioria dos produtos relacionados a este universo BDSM, tais como livros

⁹⁴ STEELE, Valerie, *Fetiche - Moda, Sexo e Poder*, op. cit. pág. 172

⁹⁵ O atual estilo de usar piercing entre os jovens surge muito da mistura da estética S&M com a oriental, especialmente a indiana. Da Índia vem a inspiração dos “brincos” no nariz (primeiro movimento desta moda). Do S&M, os usados nos mamilos e outras partes “íntimas”. Mas o curioso é que a prática dos piercings definitivos veio do rito sadomasoquista de perfurar o corpo da pessoa - especialmente as zonas erógenas - com agulhas ou outros objetos pontiagudos como uma forma de causar prazer - e dor.

⁹⁶ Por falar em filmes, em muitos deles os atores masculinos, sejam sádicos ou masoquistas, aparecem com o membro ereto e o usam neste estado normalmente, contrariando muito algumas hipóteses psicológicas que alegam que os praticantes de sadomasoquismo são pessoas impotentes.

⁹⁷ Uma das características desta cultura é que os acessórios vendidos são incrivelmente caros. Adereços de couro - ou imitações - sessões de sadomasoquismo e mesmo fitas de vídeo mais “pesadas” são compradas somente por pessoas de poder aquisitivo muito alto. O S&M ainda é para poucos - que podem pagar.

e cds, além da vivência deste “estilo” através de workshops⁹⁸ e festas⁹⁹, limita os adeptos a um determinado nível sócio-econômico. Claro que as práticas “sadomasoquistas” de dominação/ submissão, jogos sexuais de prazer/ dor são mais amplas e podem existir em todas as camadas da sociedade. Ainda assim, apenas uma porcentagem limitada desta população pode gastar R\$100,00 em um livro sobre piercing ou R\$ 320,00 em uma calça toda de couro.

A “atitude” S&M é democraticamente aberta a qualquer padrão social. Mas quando esta une-se à estética “característica” deste meio, quem dá à última palavra é o poder aquisitivo do adepto. Igual a qualquer “relacionamento” capitalista contemporâneo, sexualizado ou não, baunilha ou *kinky*.

⁹⁸ Durante o ano de 2000, a média de alguns workshops estava em torno de R\$15,00 a R\$20,00.

⁹⁹ Nestes eventos, a diferença foi maior: durante o ano de 2000, a média variava entre R\$20,00 a R\$80,00, dependendo do tipo de festa e do grupo que a realizava.

IV

CONCLUSÃO

Neste escorregadio campo da violência unida ao sexo, sabe-se o quanto às vezes é tênue a separação entre o “consentido” e o “abusado”. Para complicar ainda mais, ao entrar na indústria pornográfica, a demanda de produtos está para servir a estes dois clientes, seja de forma legal ou não. Assim, muitas vezes, filmes de S&M “sadios, seguros e consentidos” podem ser confundidos com os lendários “snuff movies”¹⁰⁰, não tanto por irresponsabilidade dos integrantes desta cultura, mas por uma falta de clareza do que sejam exatamente esta proposta de valorização de uma sexualidade “diferente”, baseada nos direitos civis, e o que sejam os crimes sexuais. Gostaria apenas de ressaltar aqui, justamente esta tentativa da cultura S&M de, por meio da legalização e aceitação pública, tornar estes limites mais claros e explícitos. Como disse Valerie Steele: “*Muitas pessoas acreditam que a pornografia induz à perversão e a violência sexual. Mas isso é como dizer que música country causa adultério e alcoolismo*”¹⁰¹.

Percebe-se então que dentro dos modernos movimentos de valorização da diferença e de culturas próprias e específicas em infinitas ramificações, a afirmação da sexualidade não poderia ficar de fora. Os movimentos feministas e gays iniciaram este processo, que agora é continuado por grupos de “homens negros gays”, “lésbicas cristãs” e “sadomasoquistas”, que também subdividem-se em “sadomasoquistas gays”, etc. Todos estes colocando a questão da

¹⁰⁰ “Snuff movies” são supostos filmes em que as pessoas são realmente violentadas e mortas na frente das câmeras. Os boatos sobre eles surgiram há algumas décadas com o aparecimento de alguns filmes “underground” com imagens violentas que logo ficaram famosos por serem considerados “verdadeiros”. Eles rapidamente sumiram de circulação, mas a “lenda” criada sobre eles manteve-se até hoje. Na verdade, ainda não se sabe se eles realmente existiram - ou existem - o que, convenhamos não é nada impossível. Existem bons filmes que tratam deste tema, como o espanhol “*Morte ao Vivo*” (*Tesis*, Espanha, 1996, dir. Alejandro Amenabar), ou o recente “*8mm*” (*Eight Millimeter*, EUA, 1999, dir. Joel Schumacher).

¹⁰¹ STEELE, Valerie, *Fetiche - Moda, Sexo e Poder*, op. cit. pág. 195

sexualidade como o cerne da diferença que configura um sujeito e exige respeito: “Hoje em dia a “sexualidade” tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós “tem” ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido”¹⁰².

Conforme analisou Giddens, esta é uma característica da modernidade e que só pode surgir, a partir do século XVIII, com a ascensão do que este autor chama de “sexualidade plástica” e “relacionamentos puros”. A primeira significa uma vida sexual liberta da necessidade – social ou biológica – de reprodução, tendo a mulher como foco central. Já o “relacionamento puro” é o compromisso social assumido enquanto satisfação de expectativas e necessidades, muitas vezes ciente de “direitos e deveres” e, a princípio, podendo se desfazer quando um dos envolvidos assim decidir.

Ora, a cultura S&M é um exemplo claro de “sexualidade plástica” e “relacionamento puro”. Não por acaso, relações de poder das mais históricas e enraizadas em nossa cultura são recriadas e assumidamente erotizadas em “jogos” e “encenações”, tais como professor/ aluno; pais/ filhos; médicos/ pacientes e a hierarquia militar.

No universo da cultura de massas, o termo “sadomasoquismo”, mesmo sendo um “monstro semiológico”, conforme afirma Deleuze¹⁰³, já entrou para o vocabulário popular. Assim esta palavra é usada tanto em artigos sobre economia mundial quanto religiosidade. No jornal “Estado de São Paulo”¹⁰⁴, de 1995 a 2000, 68 matérias usaram “sadomasoquismo” em seu texto. Já na “Folha de São Paulo” de 1994 a 2000 foram 177.

Apesar disso, ainda está longe de o comportamento “sadomasoquista” e sua estética serem assimilados pela sociedade como algo “natural”. Em 1998, a modelo Suzana Alves apareceu no cenário brasileiro encarnando a personagem

¹⁰² GIDDENS, Anthony, *A Transformação da Intimidade*, op. cit., pág. 25

¹⁰³ DELEUZE, Gilles, *Apresentação de Sacher-Masoch* in SACHER-MASOCH, Leopold Von, *A Vênus das Peles*, Rio de Janeiro, Taurus, 1983, pág. 142

¹⁰⁴ Fonte: banco de dados dos jornais citados, disponível na internet.

“Tiazinha”, que apenas por usar uma máscara negra e um chicote, foi considerada “sadomasoquista”, gerando acaloradas discussões sobre a influência de ideais “perversos” sobre as crianças¹⁰⁵. Ora, qualquer olhar com um mínimo de atenção percebe que a “Tiazinha” aparenta para aquelas muito mais como uma versão feminina do “zorro” do que uma adepta do S&M. Não a toa, ela estreou um fracassado programa onde aparecia como uma heroína que lutava contra vilões e bandidos.

Ainda assim, em 1999, cadernos com a personagem na capa foram proibidos no Rio de Janeiro pelo juiz Siro Darlan, que alegou ser contra a “pornografia e a obscenidade”¹⁰⁶ influenciando os adolescentes. Meses antes, a psiquiatra do HC, Maria Cristina Ferrari, também declarou sobre este tema, segundo o jornal Folha de São Paulo: “Pode incentivar o lado perverso de alguns adolescentes e ser prejudicial para o jovem que é pouco estruturado”¹⁰⁷.

Em 13 de setembro de 1998, a mesma “Folha” havia feito uma reportagem sobre S&M intitulada “*Culto a dor troca pancadaria por fantasia*”. No dia 15, uma das cartas recebidas pelo jornal dizia: “*Abrir três páginas da edição de domingo para falar de sadomasoquismo e ainda considerar que isso faz parte do “cotidiano” dos leitores me parece sem sentido*”; outra, do dia 20, afirmou: “*Não há o que justifique tanta propaganda de comportamentos sexuais desviados ou de mau gosto*”. Renata Lo Prete, na seção ombudsman, comentou: “*Há tempos eu não via tanta bobagem reunida em uma única reportagem*”¹⁰⁸.

Estes trechos de reportagens, parecem nos dizer como anda o “cotidiano” da aceitação de tais assuntos, ao menos de uma maneira “geral”. Por mais “engraçadinhos” que os comportamentos supostamente “perversos” possam ser vistos por uma parcela da sociedade, a aceitação de tais práticas e estilos de vida, mesmo quando baseadas em consensualidade e respeito, ainda parece distante.

¹⁰⁵ Na linha das mesmas discussões sobre as influências “prejudiciais” de Rita Cadillac, Gretchen, Carla Perez, e outra infinidade de bodes expiatórios.

¹⁰⁶ Jornal “*O Estado de São Paulo*”, 11 de junho de 1999, caderno geral, São Paulo

¹⁰⁷ Jornal “*Folha de São Paulo*”, 2 de dezembro de 1998, reportagem local, São Paulo

¹⁰⁸ Jornal “*Folha de São Paulo*”, 13, 15 e 20 de setembro de 1998, São Paulo

“Talvez o que os cientistas sociais deveriam estar fazendo é tentar entender as pessoas que não aceitam estes comportamentos”¹⁰⁹.

A cultura sadomasoquista formou-se graça à resistência de indivíduos que não quiseram ser patologizados - e muito menos criminalizados - forjando assim um “estilo de ser” que se diferencia tanto daqueles de sexualidade “normal”, quanto dos assassinos e doentes das ciências da psique, estando constantemente em choque com as duas. Como disse Simone de Beauvoir: “(...) *hoje, em que o indivíduo se sabe vítima menos da maldade dos homens do que da boa consciência deles*”¹¹⁰.

Mas é também ao tentar legitimar-se como mais uma expressão cultural/sexual que a cultura S&M como um todo enfraquece o caráter transgressor se si mesma. Ao assumir-se como “minoria” e aceitar o discurso da luta por seus direitos, estes comumente só são adquiridos através de um poder de mercado que os sustente. A chamada “indústria pornográfica”, ao criar um mercado específico de “filmes para fetichistas por pés negros”, “revistas para lésbicas sádicas”, “acessórios para transexuais zoófilos” e por aí afora, insere e ao mesmo tempo mantém estes grupos no sistema capitalista e, principalmente, na “sociedade de controle”.

Ora, desta forma é claro que o S&M vai ganhar mais espaço social; estes grupos são responsáveis por uma das maiores fatias de um mercado claramente em expansão. Todos terão seus “direitos de cidadão”- entenda-se consumidor – adquiridos e atendidos, afinal, é necessário que todos tenham a ilusão da “participação”, por só assim podem ser melhor conhecidos, inseridos e controlados. O que seria da publicidade se as pessoas não “confessassem” seus desejos e brigassem para tê-los realizados como qualquer pessoa “normal”?¹¹¹

Para muitas destas “minorias”, o objetivo não é mudar a sociabilidade atual, mas ser aceitos dentro desta; vários adeptos/ simpatizantes não pretendem criar

¹⁰⁹ BRAME, Gloria G., BRAME, William D., JACOBS, Jon, *Different Loving*, op. cit., pág. 16

¹¹⁰ BEAUVOIR, Simone de, *Deve-se Queimar Sade?* in SADE, D. A. F., *Novelas do Marquês de Sade*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961, pág. 63

¹¹¹ Em que outra cultura se encaixariam comerciais que mostram adultos tomando sorvete como se estivessem fazendo sexo oral?

uma outra subjetivação, mas serem aceitos pela psicologia como pessoas “iguais as outras”; não existe a tentativa de acabar com o conceito de “anormal”, apenas de mostrar que também são “normais”; não se pensa em discutir o capitalismo, e sim conseguir mais direitos para melhor usufruí-lo. Muitas vezes o objetivo está mais para mostrar a igualdade que lutar pela diferença: “*Sadomasoquistas são presas das mesmas falhas que as pessoas comuns porque eles são pessoas comuns*”¹¹². O preço para estas minorias serem aceitas em nossa sociedade disciplinar/ de controle é, comumente, tornarem-se maioria disciplinadora/ controladora¹¹³.

Talvez os “sadomasoquistas”, se não tomarem cuidado com o discurso totalizador da “inserção social”, consigam os mesmos “avanços” duvidosos adquiridos pela “minoria” das mulheres, embora estas não tenham dado ouvidos à feminista radical Valerie Solanas, que nos anos sessenta escreveu: “*o que vai liberar as mulheres do controle dos machos é a total eliminação do sistema dinheiro-trabalho, e não a obtenção da igualdade econômica entre os sexos neste sistema*”¹¹⁴.

Ganhando cada vez mais espaço na mídia e na cultura de massas, esta cultura nos mostra ser possível descobrir novas formas de prazer com o corpo, onde o processo de erotização de nosso “lado escuro” e mesmo da morte podem ser formas até mesmo de aumentar nosso tão tímido respeito ao outro. Com todos os riscos, perigos e liberdades inerentes a estes processos.

E sem jamais perder a capacidade de amar. “*O que farão comigo me é indiferente*”, murmurou, “*mas diga-me se me ama ainda*”¹¹⁵.

¹¹² BRAME, Gloria G., BRAME, William D., JACOBS, Jon, *Different Loving*, op. cit., pág. 4

¹¹³ Apesar de nossa sociedade ser disciplinadora e controladora, não é este o sentido de “disciplina” e “controle” que propõem os grupos S&M adeptos do “seguro, sadio e consensual”.

¹¹⁴ SOLANAS, Valerie, *Scum Manifesto*, São Paulo, Conrard, 2000, p. 15

¹¹⁵ RÉAGE, Pauline, *A História de O*, op. cit. pág. 142

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Nuno Cesar, *O Olhar Pornô*, Campinas, Mercado das Letras, 1996
- ADORNO, Theodor W., *A Indústria Cultural*, in: *Theodor W. Adorno*, São Paulo, Ática, 1986
- ÁLVARO, Cbral, EVA, Nick, Dicionário Técnico de Psicologia, São Paulo, Cultrix, 1974
- AZEVEDO, Wilma, *A Vênus de Cetim*, São Paulo, Ondas, 1986
- _____, *Tormentos Deliciosos*, São Paulo, Graphic Vision, sem data
- _____, *Sadomasoquismo Sem Medo*, São Paulo, Iglu, 1998
- BATAILLE, Georges, *O Erotismo*, Lisboa, Antígona, 1988
- BEAUVOIR, Simone, *Deve-se Queimar Sade?* in Sade, D. A. F., *Novelas do Marquês de Sade*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961
- BOSH, Magda, GARCIA, R., LIORET, C., LARA, Nuria P., *Freud e a Psiquiatria*, Rio de Janeiro, Salvat, 1979
- BRAME, Gloria G., BRAME, William D., JACOBS, Jon, *Different Loving*, New York, Villard, 1993
- CHANG, Jolan, *O Taoísmo do Amor e do Sexo*, Rio de Janeiro, Artenova, 1979
- BOURDON, J. R., *Perversões Sexuais*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933

- COHEN, Abner, *O Homem Bidimensional*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978
- COLOGNESE Júnior, Armando, *O Conceito de Sadismo e Masoquismo na Obra de Freud*, in: *Boletim - Publicação do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae*, São Paulo, Ano V, Vol. V, Nº1, Janeiro/ Julho de 1996
_____, entrevista no artigo *Sadomasoquismo: Presente Também Fora da Vida Sexual*, site BoaSaúde.com em 17/7/2000
- COSTA, Jurandir Freire, *O Sujeito em Foucault: Estética da Existência ou Experimento Moral?*, in: *Tempo Social*; revista de sociologia da USP, São Paulo, Vol.7, Nº1-2, outubro de 1995
- CREPAX, Guido, *Hisória de O*, Porto Alegre, L&PM, sem data
_____, *Justine*, São Paulo, Martins Fontes, 1987
_____, *A Vênus das Peles*, São Paulo, Martins Fontes, sem data
- DELEUZE, Gilles, *Apresentação de Sacher-Masoch* in: SACHER-MASOCH, Leopold Von, *A Vênus das Peles*, Rio de Janeiro, Taurus, 1983
_____, *Sade/ Masoch*, sem a cidade, Assírio e Alvim, sem data
- FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade I - A Vontade de Saber*, Rio de Janeiro, Graal, 1988
_____, *História da Sexualidade II - O Uso dos Prazeres*, Rio de Janeiro, Graal, 1988
_____, *Vigiar e Punir*, Petrópolis, Vozes, 1988
_____, *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal, 1988
- GIDDENS, Anthony, *A Transformação da Intimidade*, São Paulo, UNESP, 1992
- GORDON, Richard, *A Assustadora História do Sexo*, Rio de Janeiro, Ediouro, 1997
- HENKIN, William A., HOLIDAY, Sybil, *Consensual Sadomasoquism*, San Francisco, Daedalus, 1996
- KAHN, Fritz, *A Nossa Vida Sexual*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1940
- KRAFFT-EBING, Richard Von, *Psychopathia Sexualis*, Londres, Velvet, 1997
_____, *Psychopathia Sexualis*, Nova York, Arcade Publishing, 1998

- LANTERI-LAURA, Georges, *Leitura das Perversões*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994
- LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Baptiste, *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes, 1983
- LOVE, Brenda, *Enciclopédia de Práticas Sexuais*, Rio de Janeiro, Gryphus, 1997
- MATTOSO, Glauco, *O que é Tortura*, São Paulo, Brasiliense, 1984
- _____, *Manual do Pedólatra Amador*, São Paulo, Expressão, 1986
- MICHEL, Bernard, *Sacher-Masoch (1836-1895)*, Rio de Janeiro, Rocco, 1992
- MIELNIK, Isaac, *Dicionário de Termos Psiquiátricos*, São Paulo, Roca, 1987
- MIRA, Maria Celeste, *O Leitor e a Banca de Revistas*, Tese de Doutorado pela UNICAMP, 1997
- MORAES, Eliane Robert, *Um Outro Sade*, in SADE, D. A. F., *Os Crimes do Amor e A Arte de Escrever ao Gosto do Públíco*, Porto Alegre, L&PM, 1991
- _____, *Marquês de Sade, Um Libertino no Salão dos Filósofos*, São Paulo, Educ, 1992
- _____, e LAPEIZ, Sandra M., *O Que é Pornografia*, São Paulo, Círculo do Livro, 1993
- _____, *Sade, A Felicidade Libertina*, Rio de Janeiro, Imago, 1994
- OLIVEIRA, Salete Magda, *Quem tem Pinto Saco Boca Bunda Cu Buceta Quer Amor*, in *revista Libertárias nº 3 – Sexo e Anarquia*, São Paulo, Imaginário, setembro de 1998
- PAGE, Betty, *Queen of Pin-Up*, New York, Taschen, 1993
- PAULHAN, Jean, *A Felicidade na Escravidão*, in RÉAGE, Pauline, *A História de O*, São Paulo, Círculo do Livro, 1992
- PIZANI, Marcelo, *Formas de Prazer*, Rio de Janeiro, Record, 1994
- PORTER, Roy e TEICH, Mikulás (org.), *Conhecimento Sexual, Ciência Sexual*, São Paulo, Editora da UNESP, 1997
- RÉAGE, Pauline, *A História de O*, São Paulo, Círculo do Livro, 1992
- RODRIGUES Júnior, Oswaldo Martins, *Objetos do Desejo*, São Paulo, Iglu, 1991
- SACHER-MASOCH, Leopold Von, *A Vênus das Peles*, Rio de Janeiro, Taurus, 1983

- SADE, D. A. F., *A Gosadora de Nesle*, Barcelona, Sociedade Hispano-Americana, sem data
- _____, *Justine ou Os Infortúnios da Virtude*, Rio de Janeiro, Saga, 1968
- _____, *Os 120 Dias de Sodoma*, São Paulo, Aquarius, 1983
- _____, *A Filosofia na Alcova*, São Paulo, Círculo do Livro, 1988
- SCHULTZE, J., *A Flagelação Sexual*, São Paulo, Edições e Publicações Brasil Editora S.A., 1958
- SEUFERT, Reinhard (editor), *The Porno-Photografia*, Los Angeles, Arygle Books, 1968
- SONTAG, Susan, *Fascinante Fascismo* in *Sob o Signo de Saturno*, Porto Alegre, L&PM, 1986
- STEELE, Valerie, *Fetiche - Moda, Sexo e Poder*, Rio de Janeiro, Rocco, 1997
- STOLLER, Robert J., *Sadomasoquismo* in *Excitação Sexual*, São Paulo, Ibrasa, 1981
- VALAS, Patrick, *Freud e a Perversão*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994
- WILLIE, John, *The Complete Reprint of John Willie's Bizarre*, New York, Taschen, 1995

EDIÇÕES ESPECIAIS

Culto à Dor Troca Pancadaria por Fantasia, in: Caderno São Paulo - Jornal Folha de São Paulo, 13 de setembro de 1998

Dominações Sexuais, in: Caderno Mais! - Jornal Folha de São Paulo, 8 de novembro de 1998

Filósofo da Dor, O, in: Caderno 2/ Cultura - Jornal O Estado de São Paulo, 16 de maio de 1999

Sexo Dá o Que Pensar, in: Caderno Mais! - Jornal Folha de São Paulo, 9 de julho de 1995

Todas as Formas de Amor, in: Caderno Mais! - Jornal Folha de São Paulo, 26 de fevereiro de 1995

CD_ROM

ASSOCIAÇÃO Psiquiátrica Americana, *DSM-IV - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1995

CD-ROM FOLHA DE SÃO PAULO 1995, 1997, 1998 - Empresa Folha da Manhã S/A, 1996

FREUD, Sigmund, *Obras Completas em Cd-Rom*, Rio de Janeiro, Imago

JACQUELINE, Mistress, *Dungeon of Dominance*, E.U.A., Full Motion Video e Sound, 1994

REVISTAS

CAPTURED - London Enterprises Limited - EUA

HUSTLER - editora StarVision - São Paulo - Brasil

LEG SHOW - Leg Glamour - Nova York - EUA

NUGGET - Firestone Publishing - Miami Lakes - EUA

RUDOLF - Edições Ki-Bancas LTDA - São Paulo - Brasil

SPANKED - London Enterprises Limited - Van Nuys - EUA

TABOO - L.F.P. - Beverly Hills – EUA

PLAYBOY, Edição Nº 300, julho de 2000

JORNAIS

ESTADO DE SÃO PAULO – arquivos na internet – desde 1995

FOLHA DE SÃO PAULO – arquivos na internet – desde 1995

JORNAL DA TARDE – arquivos na internet – desde 1994

SEX - Christian Rocha Editores e Associados - São Paulo